



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

BRUNO VINÍCIUS MORENO FORMIGA

**O TRABALHO E O SER: IMPLICAÇÕES DA COSMOVISÃO E NOÇÃO DE
PESSOA ESPÍRITA KARDECISTA**

RECIFE

2024

BRUNO VINÍCIUS MORENO FORMIGA

**O TRABALHO E O SER: IMPLICAÇÕES DA COSMOVISÃO E NOÇÃO DE
PESSOA ESPÍRITA KARDECISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da
Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Mísia Lins Reesink.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moreno Formiga, Bruno Vinícius .

O TRABALHO E O SER: IMPLICAÇÕES DA COSMOVISÃO E NOÇÃO DE
PESSOA ESPÍRITA KARDECISTA / Bruno Vinícius Moreno Formiga. -
Recife, 2024.

52

Orientador(a): Mísia Lins Reesink. Lins Reesink.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais -
Licenciatura, 2024.

1. Categoria Trabalho. 2. Provas e Expições. 3. Caridade. 4. Noção de Pessoa.
5. Cosmovisão. I. Lins Reesink., Mísia Lins Reesink.. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

BRUNO VINÍCIUS MORENO FORMIGA

**O TRABALHO E O SER: IMPLICAÇÕES DA COSMOVISÃO E NOÇÃO DE
PESSOA ESPÍRITA KARDECISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em: 19/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Mísia Lins Reesink (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fabiano Lucena de Araujo (Examinador Externo)

Prof. Dr. Arlindo José de Souza Neto (Examinador Externo)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Dedico este trabalho à minha mãe, que mesmo com todas as dificuldades sempre esteve do meu lado e me incentivou na minha jornada acadêmica.

Agradecimentos

Como os que me conhecem sabem, ainda que eu seja emocional, não sou tão bom em me expressar, ainda assim tentarei. Agradeço inicialmente à minha mãe por sempre estar ao meu lado, acreditar em mim e me incentivar a seguir.

À todos aqueles que fizeram parte de minha jornada acadêmica, em especial aos integrantes do PET Ciências Sociais, à tutora Eliane da Fonte e ao tutor Alex Vailati, que acompanharam meu crescimento e sempre me deram apoio.

Em especial à minha grande amiga e companheira de vida, Mayara de Lima, que em todos os momentos esteve comigo, mesmo nos piores momentos, e sempre buscou me ajudar e apoiar.

À professora Mísia Reesink, que conheci no final da minha graduação, mas que mesmo assim marcou meu crescimento, agradeço pela dedicação e disponibilidade em me ajudar, seja neste trabalho, seja quando precisei de sua ajuda em outros âmbitos acadêmicos.

Por fim, agradeço às pessoas que conheci no Centro Espírita Bezerra de Menezes, que se disponibilizaram em me ajudar e sempre foram gentis.

RESUMO

O trabalho na Doutrina Espírita possui diversas particularidades, assim como perpassa diversos aspectos que podem ser compreendidos como trabalho, influenciando a vida de seus adeptos e se instituindo como a *categoria trabalho*. Na Doutrina Espírita essa categoria tem como fim a evolução do Espírito, pautada pelo aprendizado com as missões, provas e expiações, assim também como pela caridade. Dessa forma, discutiremos como a *categoria trabalho* se institui na Doutrina Espírita por meio da percepção dos adeptos do Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areais. Para tal, analisaremos, por meio de uma pesquisa etnográfica, os rituais abertos desse Centro: as Reuniões Públicas e os Estudos Sistematizados da Doutrina Espírita, em especial os conteúdos desses; por meio dos conceitos de cosmovisão do filósofo Wilhelm Dilthey e da noção de pessoa Espírita da antropóloga Maria Cavalcanti. Nos quais, a cosmovisão influencia a compreensão de mundo e enigmas existenciais dos adeptos, enquanto a noção de pessoa estabelece um universo de significados ideais sobre a noção de “Eu” dos adeptos, de modo que esses fomentam práticas específicas relacionadas à *categoria trabalho*.

Palavras-chave: Categoria Trabalho; Caridade; Provas e Expiações; Noção de Pessoa; Cosmovisão;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1- CONHECENDO O CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES DE AREIAS	12
1.1 - Descrição dos rituais abertos	19
2 - ESTUDOS SISTEMATIZADOS E ASPECTOS RECORRENTES EM REUNIÕES PÚBLICAS	23
2.1 - Definição e autodefinição religiosa	23
2.2 - Os pontos principais da Doutrina Espírita	26
2.3 - Determinismo histórico	27
2.4 - Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação: Hydesville e mesas girantes	30
2.5 - Allan Kardec: o professor e o codificador	30
2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas	31
3 - ANÁLISE DA NOÇÃO DE PESSOA, DA CATEGORIA TRABALHO E SUAS INFLUÊNCIAS	36
3.1 - Espiritismo da França ao Brasil	36
3.2 - A cosmovisão, definição, autodefinição religiosa e Determinismo histórico	38
3.3 - Discussão teórica sobre a categoria de noção de pessoa	39
3.4 - Revisão teórica sobre a noção de pessoa Espírita	41
3.5 - Cosmovisão, noção de pessoa Espírita e a relação com a <i>categoria trabalho</i>	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49

INTRODUÇÃO

O Espiritismo é uma Doutrina que tem como base: Deus, alma e vida futura; atravessada pela dualidade mundo espiritual e mundo material, sendo o planeta Terra um dos muitos mundos materiais, marcado por ser um planeta de provas e expiações em processo de evolução. Assim como o planeta, a maior parte dos encarnados – pessoas que possuem um corpo material – também está em processo de evolução, estando aqui para aprender e crescer moralmente. Dentro desse contexto, a *categoria trabalho* surge como importante meio para o melhoramento progressivo do espírito, que tem como propósito atingir o estado de espírito puro, possuidor da perfeição moral. Nesse sentido, esta pesquisa etnográfica tem por objetivo estudar como a *categoria trabalho* – em um sentido de trabalho moral, pautado pelo aprendizado das provas e expiações, realização de missões e da caridade – se estabelece na Doutrina Espírita a partir da percepção dos adeptos do Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areais.

Dessa forma, buscarei compreender a dialética entre a *categoria trabalho* e os conceitos de cosmovisão e noção de pessoa espírita; assim como entender como essa interação ocorre e como ela impacta a percepção de mundo e influencia a vida dos adeptos. Visto que, embora haja produções sobre o Espiritismo no campo antropológico, não há produções que se remeta à *categoria trabalho* propriamente, ainda que esse tema seja discutido superficialmente de certa maneira, quando se discute questões sobre mediunidade, caridade e outros aspectos do Espiritismo¹. Assim, buscarei fomentar a literatura antropológica com as contribuições sobre a *categoria trabalho*, como essa situa-se e suas implicações na Doutrina Espírita.

O conhecer e o descobrir do objeto

Minha empreitada deu-se início com meu interesse a respeito do tema da morte, o que acabou me levando para o campo da religião. Durante meu estudo bibliográfico encontrei alguns artigos a respeito da religião Espírita, essa que atraiu meu interesse pelo seu teor cármico e o ciclo de encarnações em busca da evolução. Dessa forma, buscando me aprofundar mais na religião, procurei um Centro Espírita. Como nunca tive proximidade antes com o Espiritismo, não sabia se havia algum próximo a mim ou aos lugares que frequento. Assim, recorri à internet; por meio do Google Maps encontrei um próximo à minha casa, que

¹ Cavalcanti (1985), (2005), (2008); Leite(2011), (2014); Lewgoy (2006), (2008).

curiosamente nunca havia percebido, com o nome Centro Espírita Bezerra de Menezes - Areias; o busquei no Google e encontrei seu Facebook, lá havia algumas publicações, entre elas, uma escala com as palestras do mês, suas datas, os palestrantes e os temas.

Inicialmente a intenção, como dito anteriormente, era a respeito do tema da morte, reencarnação e o carma; entretanto, ao adentrar no campo e, progressivamente, ir conhecendo melhor a Doutrina Espírita, me despertou a curiosidade a respeito de uma categoria que aparecia com frequência nas Reuniões Públicas, essa era a *categoria trabalho* que parecia, na maior parte das vezes, vinculada à evolução. A partir de reflexões sobre o campo, me pareceu mais pertinente buscar analisar a *categoria trabalho* e como essa situa-se em relação ao Espiritismo.

Contei ainda com a leitura de etnografias e artigos que tratam sobre o movimento Espírita, dos quais considero como o estado da arte sobre o assunto, esses são: Maria Cavalcanti (1985), (2005), (2008) e Bernardo Lewgoy (2006), (2008). Utilizarei ainda as contribuições: de Emmanuelle Leite (2011), (2014) sobre a cosmologia Espírita e a relação entre a noção de pessoa Espírita e o corpo; de Marcel Mauss (2003) sobre a noção de pessoa; e a conceituação sobre cosmovisão de Wilhelm Dilthey (Pereira & Madureira, 2021). Para então, por meio desses, acrescentar meus dados etnográficos e analisar a *categoria trabalho*.

Para compreender como se estabelece a *categoria trabalho*, teremos como ponto de partida os conceitos de cosmovisão e de noção de pessoa; o primeiro interferindo sobre como o indivíduo compreende o mundo e seus enigmas existenciais, marcado pela influência dos processos históricos – aqui, em especial, os eventos históricos que os adeptos consideram como relevantes. Esses processos históricos influenciam o tríplice aspecto da Doutrina Espírita – Científico, Filosófico e Religioso – e seus ideais, que são incorporados pelos adeptos por meio do movimento da *definição e autodefinição*², instituindo-se propriamente como cosmovisão e alterando a sua percepção de mundo, assim como atravessando a sua noção de pessoa e reverberando na *categoria trabalho*.

Ao que tange à noção de pessoa, essa foi uma categoria elaborada por Marcel Mauss (2003), e utilizada por Maria Cavalcanti (2008) no contexto do Espiritismo, assim também como recebe a contribuição de Emmanuelle Leite (2014). Essa noção de pessoa Espírita

² *Definição e autodefinição* como termos analíticos, que estabeleci durante a observação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, no qual os adeptos compreendem que o “Espiritismo é” Científico, Filosófico e Religioso, ponto que será melhor desenvolvido no capítulo 2.1 - Definição e autodefinição religiosa.

estabeleceria um universo de significados ideais sobre a noção de “Eu” dos adeptos, que suscitaria práticas, mais especificamente relacionadas à *categoria trabalho*.

Assim, descreveremos e analisaremos como a *categoria trabalho* funciona e se estabelece na Doutrina Espírita através da relação dos conceitos de cosmovisão e noção de pessoa, tal como quais influências ocasiona na vida dos adeptos.

Aspectos metodológicos

O presente estudo foi fruto de trabalho etnográfico no Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias, durante o período do mês de maio a novembro de 2023. A partir desse, prossegui com uma análise qualitativa, por meio do interacionismo simbólico, mais especificamente no que se refere à antropologia interpretativa de Geertz (2008), que relaciona o fazer etnográfico com a própria construção analítica, defendendo a inter-relação de nível epistêmico-metodológico.

A respeito do que é uma etnografia, estou ciente das suas múltiplas tradições, entretanto o que compreendi como etnografia foi pautado nas discussões de: Oliveira (2006), Geertz (2008), Wagner (2010), Peirano (2014).

Para Geertz (2008), como explicitado anteriormente, o fazer etnográfico é uma construção de nível epistêmico-metodológico, no qual se procura estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos e construir diários de campo; entretanto o que define realmente a etnografia seria o esforço intelectual para construir uma “descrição densa”. Essa descrição densa buscaria revelar uma estrutura de significantes que possuem múltiplas camadas superpostas que são percebidas e significadas pelos nativos do campo. Dessa maneira, os dados que descrevi durante este trabalho são, na verdade, a construção das construções de como os nativos percebem a estrutura de significados, mais especificamente a cosmovisão, noção de pessoa e a *categoria trabalho*.

Para tal, procedi como recomenda Oliveira (2006) em sua obra “O trabalho do antropólogo” através do “olhar, ouvir e escrever”; no qual o olhar e o ouvir, disciplinados pela Antropologia, alteram a percepção das investigações, e o escrever se dá de forma análoga ao exercício de pensar e produzir o conhecimento. No tocante do olhar, investiguei o campo através do “olhar etnográfico”, no qual busquei por imagens, comportamentos e estruturas que possam representar algo, para então construir uma primeira prefiguração – que foi

aprofundada, ou até mesmo trocou de sentido. Já o ouvir complementou o olhar, para, por meio de entrevistas, obter informações não alcançáveis pela observação.

Assim, o olhar e o ouvir se estabelecem como partes da investigação empírica estando em campo, já o escrever corresponde a trabalhar em seu gabinete – indissociável do exercício do pensar e sistematizar –, estando em contato com colegas que podem enriquecer o trabalho com apontamentos. Tanto o “olhar, ouvir e escrever”, previamente comprometidos e sintonizados com as ideias e valores antropológicos; segundo Wagner (2010), isso ocorre porque, para buscar compreender uma cultura, o antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras – tanto relativa a uma cultura acadêmica antropológica, quanto sua cultura enquanto indivíduo da sociedade –, de modo que, através do choque cultural, as peculiaridades do sistema de significados de quem está sendo estudado se ressalte.

De forma que, então, eu possa construir uma análise etnográfica satisfatória, semelhante às que Peirano(2014) apresenta, em que

i) consideram a comunicação no contexto da situação (cf. Malinowski); ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica. (Peirano, 2014, p.386)

Portanto, realizei uma etnografia, em consonância a entrevistas gravadas e não gravadas com trabalhadores voluntários, com intuito de observar, descrever e analisar as relações entre a cosmovisão, noção de pessoa espírita e a *categoria trabalho*. Tive como principal fonte de conhecimento os conteúdos das Reuniões Públicas e dos Estudos Sistematizados da Doutrina Espírita (ESDE), que foram documentados por meio do Diário de Campo, no qual consta-se as impressões dos conteúdos, as estruturas organizacionais, quem estava ministrando ou palestrando e o clima interpessoal dos presentes. A escolha do foco nos conteúdos das palestras e nos Estudos Sistematizados da Doutrina Espírita foi feita com a consideração de que, para os adeptos, a ênfase deveria estar na mensagem sendo transmitida.

Tal escolha acabou por gerar limitações, visto que, nessa perspectiva em que focalizo e analiso os conteúdos das reuniões abertas, perdi parte do conhecimento que o campo poderia me proporcionar caso tivesse realizado mais entrevistas e as tivesse como ponto de partida para a análise da *categoria trabalho*. De modo que não pude alcançar as implicações práticas que a *categoria trabalho* exerce no cotidiano dos adeptos.

Os capítulos

A estrutura deste trabalho está dividida em três capítulos, de modo a buscar facilitar a compreensão do argumento. No capítulo um, busquei descrever como se dá o funcionamento do Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias, seus horários, suas atividades, a hierarquia administrativa e como se deu sua fundação; assim como, a estrutura ritual das Reuniões Públicas e do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Já no segundo capítulo, busquei descrever, detalhar e analisar os conteúdos dos Estudos Sistematizados e os aspectos frequentes das Reuniões Públicas, de modo a procurar compreender os significados que os adeptos dão à sua doutrina e como se relacionam com a *categoria trabalho*. Para então, no capítulo três, analisar como a cosmovisão influi sobre a noção de pessoa e como ambos se relacionam e situam o funcionamento da *categoria trabalho* na Doutrina Espírita. Para finalizar, nas considerações finais realizo um apanhado dos principais pontos que foram discutidos, assim como os pontos que merecem um esforço à parte.

1- CONHECENDO O CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES DE AREIAS

No presente capítulo irei descrever como conheci o centro, o seu funcionamento, quais as atividades que os trabalhadores do Centro realizam, assim também como a estrutura ritual das Reuniões Públicas e do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

Na primeira vez que fui ao Centro, tive o privilégio de caminhar e conhecer os arredores, dada a proximidade do centro com minha casa. Inicialmente o que saltou aos olhos foram os entornos do local – situado na Avenida José Rufino, no bairro de Areias, Recife –, foi em uma quarta-feira à noite, aproximadamente às 18:30; segundo o Facebook – meio pelo qual encontrei o Centro –, a palestra começava às 19 horas. Por ser uma Avenida, havia um grande fluxo de carros. O caminho que eu costumava fazer era bem solitário, tanto pela hora, tanto porque uma grande parte dele era tomada por uma grande concessionária de motos, a qual sempre parecia deserta; passada a concessionária, se estabelecia uma escola técnica, a qual parecia o único local que realmente era perpassado pelo fluxo de pessoas; o outro lado da rua era ocupado por alguns pequenos estabelecimentos que estavam em sua maioria fechados; também havia uma pequena escola pública para o Ensino Médio, um centro religioso e, bem ao lado, um grande “mercado” abandonado, com apenas algumas pessoas na sua frente em um Buteco. Um ponto interessante, é que, nessa avenida, existem 4 edifícios religiosos relativamente próximos, contando com o Centro Espírita, uma Igreja Católica, uma igreja Presbiteriana e um edifício do Racionalismo Cristão; demonstrando fortemente que o cristianismo possui mais espaço na sociedade do que outras religiões, ainda que se apresente de diferentes formas.



Em relação ao local, sua entrada não era muito chamativa: uma pequena casa azul, com grades e um portão de metal pintado de azul. Entrando, havia uma pequena recepção com alguns livros à venda e roupas do brechó que ocorria no Centro; algumas trabalhadoras do Centro estavam atrás de um balcão de vidro, lá havia também uma espécie de lista de presença, todos que entravam deveriam assinar. Havia ainda na recepção uma “caixa de vibrações”, destinadas aos espíritos, encarnados ou não, que precisam de preces e vibrações por algum motivo; nela, deviam ser colocados os nomes das pessoas que irão receber a vibração, não devendo colocar nomes de animais, pois esses já são entregues à Deus – algo que foi pedido algumas vezes no final das palestras. A recepção era um ambiente acolhedor de certa forma, todos pareciam muito bem entrosados, se tratando pelo nome e conversando com descontração.



Adentrando uma sala retangular, para além da recepção, encontramos onde ocorrem as palestras e os estudos; lá, podemos avistar algumas fileiras com bancos dispostos para frente de uma espécie de púlpito em que se posicionavam os palestrantes e os que iriam realizar o intermédio no dia. Os palestrantes podiam utilizar microfone e projetor para facilitar sua apresentação. Enquanto não começava a palestra ou o Estudo, as pessoas ficavam dispostas em pequenos grupos, nos quais conversavam em voz baixa. À direita da sala havia alguns bancos de madeira e um quadro com indicações de como se portar durante a espera do passe, que ocorria apenas às quartas-feiras e domingos, ao fim da palestra; a respeito das indicações, era apontado que, durante a fila, os adeptos deveriam fazer silêncio e pensar em Jesus. Eram

três pequenas salas separadas, cabendo apenas o banco para quem receberia o passe e quem realizaria o passe; durante o passe, quem o realizava fazia gestos com as mãos e proferia preces sussurrando, de forma que era inaudível. “A única palavra que a gente diz lá dentro é: ‘pense em Jesus e faça uma prece’”, relata uma das trabalhadoras voluntárias que aplica o passe.

Atrás da sala da palestra, ficam as salas dos trabalhos mediúnicos, a sala da escola dominical – que normalmente ocorreriam aos domingos, entretanto não estavam ocorrendo por falta de crianças –, equipamentos e banheiro. Em relação ao corpo de adeptos, assim como os trabalhadores voluntários, são em sua maioria mulheres, que aparentam ter uma idade média entre 30 a 50 anos.

A respeito da caracterização, os frequentadores utilizam das mais variadas roupas, de modo que não há um código exato de vestimenta. A única coisa que foi comentada sobre, foi que, durante uma reunião pública, as roupas devem ser mais contidas, não sendo roupas curtas ou que possam revelar muito do corpo. Já no tocante da vestimenta dos trabalhadores voluntários, essa se mostra de fácil reconhecimento, na maioria das vezes sendo uma calça e uma camisa Azul do Centro com o nome da casa estampado e algum dizer nas costas, podendo variar de acordo com a camisa.

Em entrevista, perguntei a uma das trabalhadoras voluntárias se os frequentadores do Centro normalmente eram pessoas que moram por perto, ela me responde que

Tem o pessoal daqui [do bairro de areia e arredores], tem gente que vem de um pouquinho de longe também, né? Tem também de longe e de perto. Agora, esse rapaz que acabei de atender, ele é de Santo Amaro, né? Porque ele viu também, né? Na internet, no Instagram parece, alguma coisa assim. (P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias)

Fato que se confirmou no Estudo Sistematizado, quando as pessoas novas se apresentaram: embora a maior parte das pessoas sejam de lugares próximos ao Centro, existiam pessoas que vieram de lugares mais distantes. Outro ponto que se destaca é o conhecimento do Centro por meio da internet, fato que também ocorreu comigo; mesmo sendo morador dos arredores, nunca tinha reparado no centro, visto que, à primeira vista, lembra uma residência.

Em entrevista, perguntei a uma das trabalhadoras voluntárias da casa sobre a fundação do Centro; ela me relatou que, antes de ser fundado, o lugar onde hoje é o Centro era ocupado por uma instituição escolar filantrópica, financiada em parceria com a prefeitura da época. Ao

longo do tempo, essa escola encerrou suas atividades, cedendo espaço para o surgimento do centro, que está com 99 anos, completando seu centenário em março de 2024.

E aí, eles começaram assim, né? Com esse trabalho pequeno, e com o tempo a escola acabou, né? E se tornou só o centro espírita mesmo, né? Com objetivos espirituais, estudos espirituais, né? (P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

O nome do centro é Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias e faz referência a uma importante figura no Espiritismo, que segundo a entrevistada:

Bezerra de Menezes, aqui na Terra, ele foi um médico, né? Ele é cearense e ele veio de uma família, ele era de uma família abastada, não era pobre não [...]. Naquele tempo, a maioria das famílias botavam os filhos a se formar em medicina, né? Porque via um grande é... vamos dizer aí que um caminho pra ganhar, né? A carreira financeira e tal. E ele, de fato, fez medicina, mas aí ele resolve ir embora para o Rio de Janeiro, né? Ele não prossegue lá no interior do Ceará [...] ele vai pro Rio e ele se torna político, ele atuava como médico, mas torna-se político, porém o trabalho de medicina dele, ele fazia para ajudar os outros, ele não ganhava dinheiro. (P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

Segundo Emmanuelle Leite, o Dr. Bezerra de Menezes “começa a flertar com a doutrina espírita após a morte da sua esposa, e anos depois adere ao movimento espírita por influência de curas obtidas através de tratamentos feitos por um médium curador” (Leite, 2011, p.15). Durante algumas palestras o Dr. Bezerra de Menezes foi citado como mentor espiritual do Centro, assim como guardião.

O mentor espiritual, e todos os trabalhadores desencarnados que atuam em qualquer centro espírita são classificados como espíritos que se encontram em estágios mais elevados do que os frequentadores e trabalhadores encarnados da casa espírita. As decisões mais importantes partem deles, principalmente do mentor espiritual, porque os espíritos os veem como as pessoas mais capacitadas e intelectualizadas para exercer o comando do centro espírita. (Leite, 2011, p.27)

Durante a entrevista, nos é contado sobre algumas das atividades que o centro realiza:

[...] Com objetivos espirituais, estudos espirituais, né? Palestra, atendimento fraterno, a gente tem a campanha do quilo, né? Tem a sopa, temos evangelização infantojuvenil, que hoje a gente tá praticamente sem criança, né? A gente tá aí tentando, a pandemia deu uma afastada, aí a gente está tendo que estar reabrindo né?(P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

Para além dessas atividades, o Centro realiza também o Atendimento Fraterno e a Reunião de Vibração.

Esse atendimento fraterno é assim: a pessoa percebe que não está bem, né? Às vezes tá com muita perturbação, não só de ordem espiritual, mas às vezes do dia a dia mesmo, né? Está perturbado, está precisando conversar com alguém, está precisando ouvir, né? Aí vem pra esse atendimento, aí a gente conversa, escuta a pessoa, né? Tudo o que ele vem sentindo, vai registrando, isso que a pessoa sente, a gente tem uma ficha específica, né? Que se chama ficha de acompanhamento [...]. Aí, aqui nessa ficha, a gente coloca o nome da pessoa, a idade que a pessoa quiser fornecer, endereço, nada é obrigado, né? Se a pessoa quiser fornecer a gente anota; com todo cuidado, né? Que a gente tem que ter muito respeito com o outro, né? E aí a gente escuta, depois a gente vai falando, né? O que que a gente acha, o que é que pode melhorar,

né? Não que a gente seja Doutor e que a gente vai saber, né? Mas é mais no sentido dentro do que a gente acredita da Doutrina, a gente vai dizendo, né? A recomendação de uma oração no dia a dia, de fazer um evangelho em casa, ou um estudo bíblico, né? Que nem todo mundo tem esse evangelho aqui. Alguém tem em casa uma Bíblia, então abre a Bíblia, lê em casa um trechinho, bota uma aguinha, faz uma prece, bebe, para ver se dá aquela melhorada, porque às vezes a gente precisa acreditar, né? Aí a gente vai ouvindo e vai conversando, esclarecendo. (P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

A respeito do Atendimento Fraternal, a entrevistada relata que era anteriormente chamado de “tratamento espiritual” – troca que foi recomendada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), visto que a nomenclatura “tratamento” passava uma ideia de que quem está sendo atendido estava doente. Esse atendimento ocorre nas terças-feiras, nas quais quem tiver o interesse em ser atendido, seja por motivo de perturbação espiritual ou apenas precisa conversar, pode se inscrever.

Sobre a caixa de vibrações brevemente mencionada anteriormente, essa passa pela reunião de vibração – que ocorre nas terças-feiras –, nessas caixas são pegos os nomes e é feita uma oração por cada nome.

No que concerne aos trabalhos voluntários, esses se encontram em defasagem pelo baixo número de trabalhadores, o que provoca um acúmulo de funções; é ressaltado ainda que o trabalho voluntário deve ser compreendido como um compromisso sério.

Hoje a carência não é só da nossa casa, a maioria das casas espíritas tem essa carência de trabalhador, né? De pessoal que se comprometa. Que, às vezes, até tem; às vezes a pessoa começa dar uma escorregada daqui, né? (P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

Para gerenciar esses trabalhos voluntários existem departamentos, como: departamento de atendimentos fraternos, departamento mediúnico – que já tiveram sua função explanada acima; departamento de patrimônio, que tem como responsabilidade gerir a estrutura do centro; departamento financeiro e o conselho fiscal; e o departamento de comunicação, que tem como responsabilidade fazer as escalas de palestras e dos temas, assim como convidar os palestrantes.

Há ainda uma hierarquia administrativa, na qual a primeira instância é o gestor e seu vice, seguido pela secretária e demais instâncias. Para se candidatar a gestão ou para dirigir algum setor ou departamento, o trabalhador voluntário deve ser sócio da casa. Para se caracterizar como sócio, o trabalhador voluntário paga uma mensalidade escolhida por ele, podendo variar de acordo com a condição financeira, sem exatamente um valor fixo; exemplificando, durante a entrevista foi comentado que os valores podem ir de R\$5 à R\$100,

e às vezes mais. Esses valores são utilizados para manter o funcionamento do centro, como relata a entrevistada.

Pra manter também, porque a gente não exige nada financeiro de ninguém, a pessoa vem pro seu tratamento, não é cobrado nada de ninguém, né? questão de valores. Agora, nós trabalhadores, alguns trabalhadores são sócios, a gente se associa e todo mês a gente paga uma mensalidade escolhida por nós [...]. Porque eu, sendo sócia ou sócio, eu posso me candidatar a uma gestão né? Eu posso me candidatar a dirigir, posso assumir algum setor. Agora, quem não é associado, não assume o setor. [...] Mas é tudo muito espontâneo, não é uma coisa que ninguém vai estar ali me cobrando se eu não pagar, né? Então fica muito a critério, tem pessoas que podem dar mais, dá, quem não pode, não dá, e a gente vai levando. E aí, pra manter fica difícil, que a gente não tem ajuda financeira, a ajuda mesmo é de quem é voluntário, quem quer dar. (P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

A entrevistada nos conta em outro momento que, além dos trabalhadores voluntários que são sócios, quem quiser contribuir com o Centro pode ficar à vontade, pois na recepção há um QR code para doações via Pix. Assim, não há “dízimo” em um sentido de porcentagem salarial, como ocorre em outras instituições religiosas. Durante o período em que estive presente não houve cobrança de valores, seja durante palestras ou momentos de Estudo.

O Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias é filiado à Federação Espírita Brasileira (FEB), que segundo Lewgoy (2008), foi fundada em 1884, a partir da necessidade de unificar os Centros e os adeptos do Espiritismo no Brasil. A partir das campanhas de promoção e atuação de Chico Xavier, importante figura dentro o Espiritismo brasileiro, a FEB adquire hegemonia no movimento espírita brasileiro. Com isso, a FEB lança um modelo de atividades sugeridas a ser seguido pelos Centros, contendo: Atendimento Fraternal, passes, palestras, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, desenvolvimento mediúnico, evangelização infantil e ações de caridade, entre outros.

Em conversa, me foi contado que os Centros são organizados por regiões, essas regiões fazem suas reuniões em que recebem as informações e indicações discutidas em reuniões com a Federação Espírita de Pernambuco (FEP), que repassa as informações da FEB.

Uma vez que são sugeridas as atividades, essas podem variar de Centro para Centro, de acordo com as peculiaridades de cada um.

Alguns são mais voltados para a saúde (às vezes são cirúrgicos), outros mais doutrinários, outros mais evangélicos, outros enfim, são mais artísticos. Cada qual combina esses diferentes aspectos, mas de diferentes maneiras. Encontramos sempre, entretanto, os diversos elementos constituintes do espiritismo brasileiro: a educação (dos participantes, mas também dos Espíritos inferiores); a troca de fluidos (entre os participantes e os Espíritos superiores), a assistência social e espiritual. (Aubreé & Laplantine apud Leite, 2011, p.28)

No Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias, o enfoque maior se divide entre os aspectos religiosos e filosóficos, devido a maior parte de suas atividades orbitarem entre o ritualístico e o estudo da doutrina. Também estão bastante presentes os elementos da educação, troca de fluidos e a assistência social e espiritual. Ao que tange o religioso, podemos citar a prática da caridade, passes e desobsessão; já relativo ao filosófico, podemos ressaltar as palestras e o Estudo, que tem intuito de divulgação e aprofundamento da doutrina.

Cabe salientar que os espíritas não compreendem suas práticas como ritualísticas, o que foi salientado em uma das palestras e posteriormente em um dos estudos, também podendo ser observado quando leram e reiteraram o que é apresentado no livro “Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - Tomo I”, em que aponta que o Espiritismo não tem culto, rito, templos e nem títulos de sacerdócios. Entretanto, descreveremos aqui os ritos em um sentido antropológico, mais especificamente no que diz respeito à compreensão de Mariza Peirano (2003) no que tange aos rituais. Para a autora, assim como no sentido que busco trazer no texto, a vida social sempre é marcada por rituais, seja na vida cotidiana ou em momentos específicos: como casamentos, enterros e outros eventos. No ritual, a forma e o conteúdo estão intrinsecamente conectados, podendo, por meio dele, compreender como uma sociedade vive e pensa. Desse modo, podemos compreender que:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (Tambiah apud Peirano, 2003, p.9)

Os rituais abertos que descreveremos aqui são: as Reuniões Públicas, que são também chamadas de palestras, e o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, no qual se busca o estudo e o debate de forma séria, por meio do livro “Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - Tomo I”, que tem como base as obras codificadas de Allan Kardec e do Evangelho de Jesus.

Os objetos rituais utilizados são simples e reiteram o que Leite (2011) apresenta, sendo esses compostos por: cadeiras, em que ficam as pessoas que queiram assistir; a mesa/púlpito, em que os palestrantes ou quem vai conduzir os estudos ficam dispostos; a coleção dos livros

codificados por Allan Kardec, expostos na mesa; os microfones; o projetor, que pode ou não ser utilizado na Reunião Pública e que sempre é utilizado nos Estudos para projetar o Tomo I; as garrafas com água, que serão fluidificadas por meio de passes específicos; e o relógio que está voltado para o palestrante.

A pontualidade é ressaltada como de muita importância. Visto que há uma preocupação com a segurança, assim como com as obrigações de cada pessoa.

1.1 - Descrição dos rituais abertos

A respeito dos ritos abertos, inicialmente frequentei encontros que ocorrem nas quartas, às 19:00, e domingos, às 16:00. Esses encontros eram as reuniões públicas, em alguns dias colocava-se uma música calma de fundo antes da palestra começar propriamente; iniciando-se, a depender, eram dados avisos sobre eventos e atividades – como avisos relativos à Campanha do Quilo; à caixa de vibrações; ao funcionamento em feriados; à 23ª Semana Espírita Bezerra de Menezes, evento anual em comemoração ao aniversário do Dr. Bezerra de Menezes. Após, um excerto do "Pão Nosso" era lido, seguido por uma prece inicial, marcando assim o início da palestra propriamente dita. Ao final da palestra, havia novamente a prece e então a indicação de que quem sentisse a necessidade, poderia receber o passe.

Durante o passe, especialmente nas quartas-feiras, a sala onde eram realizadas as palestras rapidamente se esvaziavam – como era indicado silêncio durante o passe, o máximo que se ouvia entre os adeptos era um rápido boa noite ou um aceno com a cabeça – sobrando na sala apenas alguns trabalhadores que ajudavam na organização, assim como os que iriam realizar o passe e quem iria recebê-lo; algumas pessoas ficavam na recepção conversando de forma amistosa um pouco, mas logo iriam embora, visto o horário que terminava a Reunião Pública (20 horas) e o baixo fluxo de pessoas, que tornava a avenida perigosa; sobrando realmente apenas os trabalhadores voluntários que iriam fechar o local. Não havia palavras específicas para marcar a despedida – como em algumas vertentes protestantes, que se profere “a paz do senhor” ao encontrar e se despedir de alguém –, além das já usuais no cotidiano, como “até mais”, “boa noite” e entre outras. Já durante o domingo, o mesmo ocorria, entretanto com a diferença que as conversas na recepção se alongavam um pouco mais, visto que no domingo a Reunião Pública terminava às 17 horas.

As reuniões públicas tinham uma duração média de uma hora, durante a qual o orador compartilhava suas ideias sobre o tema da sessão. Essas reuniões podiam seguir ou não uma temática mensal, e entre os meses com temas específicos estavam: setembro, dedicado ao Setembro Amarelo e outubro, celebrando o mês de Kardec, nesse se comemora o seu aniversário. Um destaque especial foi a 23ª Semana Espírita Bezerra de Menezes, que ocorre em agosto, um evento que abordou tópicos considerados pelos espíritas do Centro como pertinentes à atualidade, esses foram: Desigualdades sociais e desigualdades das riquezas; Os desequilíbrios familiares; As tragédias e os desencarnes coletivos; Meu direito não tem limites? E os direitos do próximo, como ficam?; Meu corpo, minhas regras?; O malefício das fake News; A intolerância. Os palestrantes poderiam ser do Centro ou convidados de fora; durante conversas, pareceu haver uma predileção por convidados de outros Centros.

As escalas de palestras, eram sempre divulgadas no primeiro dia do mês, tanto no Instagram, quanto no Facebook; suas redes sociais possuem um bom fluxo de informações, de modo a estar sempre atualizada a respeito de eventos e avisos.

Algo importante a se ressaltar é que, quando me apresentei como pesquisador para o gestor e alguns trabalhadores voluntários, expliquei que estava fazendo um trabalho a respeito do Espiritismo, eles me perguntaram a respeito do tema da pesquisa, naquele momento não soube responder propriamente, visto que ainda estava refletindo sobre qual realmente seria o tema; ainda assim me foi consentido que poderia continuar frequentando e progredindo com minha pesquisa. Passei um tempo frequentando o Centro e tentando me habituar com as pessoas e as relações com eles, visto que eu era um estranho; com um tempo fui sendo mais acolhido e as conversas passaram a ser menos difíceis. Tempo depois, durante uma conversa, me foi avisado que iriam começar na próxima semana o Estudo Sistematizado e que se eu me interessasse a aprender mais sobre a doutrina, eu deveria tentar ir, e assim fiz.

Comecei a frequentar o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), que ocorria nas quintas-feiras, iniciando às 19 horas e possuía uma duração média de uma hora. Nele, se estabelecia um espaço de aprendizado sobre a doutrina por meio da leitura e exposição de textos Espíritas, em que se encontrava aberto a diálogos e dúvidas, de modo a reiterar o que Cavalcanti apresenta: “O Estudo circunscreve um conjunto de práticas que consiste na leitura, comentários, exposição de textos espíritas, na produção de artigos, apostilas, livros, na realização de debates, palestras, mesasredondas.” (Cavalcanti, 1985, p. 22)

O estudo era ministrado por uma trabalhadora e um trabalhador, ambos voluntários, esses eram figuras muito presentes no Centro, quando um deles não podia comparecer, o outro assumia.

Em alguns Estudos, se discutia a melhor organização em relação à disposição de pessoas e cadeiras; quando não havia muitas pessoas, nos era indicado que seria preferível fazer uma espécie de “U” com as cadeiras, para que ficássemos todos de frente uns para os outros e assim fomentar melhor o debate; caso houvesse muitas pessoas, a disposição das cadeiras permaneceria a comum, todas viradas para o púlpito. Em alguns dos estudos, um dos ministrantes do Estudo – a trabalhadora voluntária –, preparava previamente algumas perguntas a respeito do conteúdo e as distribuía aos frequentadores, de forma arbitrária, antes do Estudo começar propriamente; normalmente entre três a cinco perguntas. Dentre os cinco Estudos que participei, houveram dois Estudos nos quais eu recebi uma dessas perguntas, como veremos melhor no próximo capítulo.

Então, começando o Estudo, era feita uma prece, normalmente pelos ministrantes do Estudo, embora houvesse vezes que foram oferecidas a outras pessoas essa tarefa. Passada a prece, dava-se início ao Estudo propriamente dito.

Em uma parede branca, atrás do púlpito, estava sendo projetado o livro “Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - Programa Fundamental Tomo I” (ESDE - Tomo I), nesse estava presente o conteúdo que deveria ser tratado, possíveis dinâmicas e as referências utilizadas. O Estudo era guiado pela leitura desse livro, do qual eram comentadas e discutidas as suas passagens. Esse livro é distribuído pela Federação Espírita Brasileira. É importante ressaltar a existência desse livro, que possui seu segundo volume o “Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - Programa Fundamental Tomo II”, assim como os livros de “Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita” – com cinco volumes – além dos próprios livros codificados por Allan Kardec, visto que o estudo, aprendizado e discussões a respeito desses é extremamente valorizado – como ressaltado diversas vezes em palestras e no próprio ESDE –, introduzindo o adepto ainda mais na Doutrina e facilitando o progresso espiritual.

Ao fim do Estudo, era realizada a prece, após, os adeptos levantavam-se, alguns se comprimentavam com “boa noite”, “até mais” e anúncios de despedida desse tipo; e já seguiam indo embora; outros ficavam conversando mais um pouco na recepção com os voluntários, mas logo iam embora – visto o horário, 20 horas, e o risco que esse trazia –, repetindo o que se ocorre nas Reuniões Públicas.

Durante esse capítulo busquei descrever o funcionamento do Centro, sua origem e atividades que são realizadas; Tal como, também investiguei e descrevi como se estabelecem estruturalmente os seus rituais abertos. Desse modo, somos capazes de compreender alguns pontos chave da Doutrina Espírita, estes são: 1. o trabalho voluntário como meio de caridade, expresso através das atividades do próprio Centro, como Atendimento Fraternal, Sopa Fraternal, Campanha do Quilo, o passe e assim como outras atividades; 2. a valorização do aprofundamento na Doutrina, por meio de palestras e Estudos, assim também como a leitura e discussão dos livros de Allan Kardec e os demais livros didáticos, como o ESDE - Tomo I.

Com isso, por intermédio da estrutura/forma ritual descrita, teremos um melhor arcabouço para refletir no próximo capítulo sobre os conteúdos desses rituais – ESDE e das Reuniões Públicas –, bem como dos aspectos recorrentes e que os adeptos acreditam ser relevantes.

2 - ESTUDOS SISTEMATIZADOS E ASPECTOS RECORRENTES EM REUNIÕES PÚBLICAS

Depois de termos descrito como funciona o Centro Espírita Bezerra de Menezes, assim como quais estruturas rituais estão presentes nas Reuniões Públicas e no ESDE; neste capítulo, focarei nos conteúdos das palestras e do ESDE – não necessariamente na sua estrutura ritual, ainda que essa se faça presente em alguns momentos, uma vez que forma e conteúdo estão intimamente conectados –, visto que, o que se mostra como relevante para os adeptos do Espiritismo é o conteúdo da mensagem que se quer transmitir.

Em relação ao ESDE, posso destacar dois tópicos que serão melhor abordados no decorrer deste capítulo: o primeiro, a respeito da “Introdução ao Estudo do Espiritismo”, na qual foi debatido sobre “O contexto histórico do século XIX na Europa” que foi determinante para o surgimento do Espiritismo; o “Tríplice aspecto da Doutrina Espírita”, que discute os aspectos Filosófico, Científico e Religioso; e “Pontos principais da Doutrina Espírita”, que se destacam no Espiritismo. O segundo, no que tange “A Codificação Espírita”, na qual foi estudado como se deram os “Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação: Hydesville e mesas girantes”; assim como conhecemos melhor quem foi “Allan Kardec: o professor e o codificador”. Já no tocante às Reuniões Públicas, abordaremos alguns aspectos recorrentes, esses são: a ideia de missão, caridade e amor fraterno, progressão espiritual e trabalho.

É por meio desses conteúdos que serão descritos neste capítulo, que buscaremos compreender como os adeptos do espiritismo dão significado à sua Doutrina, e também, como se relacionam com a *categoria trabalho*.

2.1 - Definição e autodefinição religiosa

Durante esse Estudo Sistemático que teve como o tema “Tríplice aspecto da Doutrina Espírita”, os ministrantes frequentemente utilizavam a expressão “o Espiritismo é” – Científico, Filosófico e Religioso –, para discutir a respeito do tríplice aspecto em consonância com a Doutrina – por meio da leitura do ESDE - Tomo I –; em certo momento – como veremos mais à frente neste tópico –, com a participação mais ativa dos adeptos que estavam frequentando a reunião, houve uma reiteração do que foi apresentado pelos ministrantes e a repetição da expressão “o Espiritismo é”. Com isso, compreendo como definição a primeira utilização da expressão “o Espiritismo é”, marcada por um teor institucional; e autodefinição, a segunda utilização da mesma expressão, que marca a

incorporação e reiteração desses conhecimentos; de modo que os termos “definição e autodefinição”, são termos analíticos, que não foram utilizados pelos adeptos, mas que são úteis para compreendermos melhor a relação entre os espíritas e o tríplice aspecto, e como esse tríplice aspecto se relaciona com o conceito de cosmovisão de Dilthey.³

No que tange propriamente o momento desse Estudo Sistematizado, as cadeiras estavam em formato de “U”, e a participação das pessoas presentes era incentivada. Antes de começar, uma das ministrantes distribuiu perguntas em pequenos pedaços de papéis dobrados, essas perguntas seriam feitas ao final do Estudo, no dia também recebi uma.

Nesse encontro foi discutido em quais aspectos do Espiritismo poderiam se identificar essa tríplice, ponto que também foi conversado durante entrevista com uma das trabalhadoras voluntárias. A respeito desse Estudo, os adeptos do foram apresentados à leitura do livro ESDE - Tomo I, que estabelece o Espiritismo como uma tríplice; ao final desse Estudo, os adeptos reiteram o Espiritismo como ciência de observação e doutrina filosófica de efeitos religiosos.

Durante a leitura do ESDE - Tomo I, foi tratado do aspecto científico, em que o Espiritismo compreende-se como análogo à Ciência, uma vez que a ciência buscaria as leis materiais, enquanto o objeto do Espiritismo buscaria o conhecimento das leis do princípio espiritual, assim como as relações que se estabelecem entre os encarnados e os desencarnados.

Em relação ao aspecto Filosófico, esse faz referência às consequências morais, ligadas aos conceitos como livre-arbítrio, determinismo e caridade. Já o aspecto Religioso residiria a aplicação dos princípios filosóficos e científicos.

Ainda a respeito do aspecto Religioso da Doutrina, que se estabelece de forma peculiar, podemos observar no ESDE - Tomo I – no qual os adeptos utilizam como guia teórico e metodológico das reuniões de Estudos – uma ruptura estabelecida entre a categoria de religião e o Espiritismo:

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das

³ Desenvolveremos melhor o conceito de cosmovisão do filósofo Wilhelm Dilthey e sua relação com a Doutrina Espírita no capítulo 3.2 - A cosmovisão, definição, autodefinição religiosa e Determinismo histórico.

ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou. (Federação Espírita Brasileira, 2012, p.34)

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. (Allan Kardec apud Federação Espírita Brasileira, 2012, p.29)

De modo que, ao final da leitura, foi apresentado que o Tomo I tem como base as codificações de Allan Kardec e outras literaturas espíritas, possuindo também referências, que são encontradas ao fim de cada tópico. Posteriormente, foram pontuados alguns aspectos pelos adeptos: ainda que se compreendessem de certa forma como religião, não seriam necessariamente uma, visto que, o Espiritismo não possui cultos, ritos, templos, nem títulos de sacerdócio, em contrapartida, ressaltando seu caráter filosófico e científico. E que, portanto, o Espiritismo teria um tríplice aspecto, sendo uma ciência – baseada na observação e na prática em relação aos espíritos –, filosófica – na qual residiria as consequências morais – e religiosa no sentido da aplicação dos princípios anteriores. Posteriormente, foi ressaltado, no que tange o princípio científico, que o caberia papel de questionar – por meio da comunicação entre mundos – se o espírito estaria falando a verdade, assim como Allan Kardec que perguntava a diversos espíritos perguntas semelhantes, buscando a verdade.

Durante o Estudo, os ministrantes frequentemente perguntavam se as pessoas estavam compreendendo o que estava sendo explanado, enfatizando que, caso houvesse dúvidas ou curiosidades a respeito de algo, poderia ser perguntado; não havendo – o que era o caso na maior parte das vezes –, o estudo prosseguia. O público que frequentava esses estudos eram em sua maioria antigos frequentadores e já com grande profundidade a respeito do conhecimento da Doutrina, isso se destacou em dois momentos: primeiramente nas apresentações, na qual havia apenas eu e outra pessoa que se disse pouco conhecedor da Doutrina; e quando algumas pessoas faziam comentários acrescentando curiosidades e mais profundidade ao conhecimento que estava sendo transmitido – demonstrando claramente o domínio daqueles conhecimento –, assim, quando respondiam as perguntas feitas ao final do Estudo, muitas vezes acrescentando às respostas um conhecimento que não havia sido ministrado.

Ao final, foram feitas as perguntas. Nesse dia, como mencionado, a ministrante havia produzido e distribuído – de forma arbitrária – três perguntas em pequenos papéis; essas eram sobre como se definia cada aspecto da tríplice: Científico, Filosófico e Religioso. Foi pedido que quem tivesse as perguntas levantasse a mão e as lessem, e assim aconteceu, as respostas

foram muito próximas ao que foi ministrado. Eu também havia recebido uma pergunta nesse dia – no Centro eu era tratado analogamente a um neófito, em especial no Estudo, por não conhecer muito sobre a Doutrina Espírita, de modo que minha posição era destacada, e os trabalhadores pareciam querer que eu a compreendesse melhor, tentando me inserir por meio dessas perguntas –, chegada a minha vez, a pergunta era a respeito do aspecto Filosófico, respondi de acordo com o que havia anotado, terminando de responder, foi feita uma prece para então finalizar o Estudo.

Durante entrevista, esse assunto do tríplice aspecto também apareceu quando perguntei como se compreendia o Espiritismo:

Então... é filosófico, é religioso e é científico, o Espiritismo. E quando a gente estuda, quando a gente pratica, quando a gente se envolve, a gente vai percebendo que tem esses aspectos, esses três aspectos com muita clareza.(P., trabalhadora voluntária do Centro Espírita Bezerra de Menezes em Areias)

Vê-se assim, como a categoria analítica de definição e autodefinição nos ajuda a compreender melhor o contexto etnográfico. Visto que, nesse ESDE, é discutido o que é a Doutrina Espírita em termos institucionais e oficiais, de forma a defini-la, para posteriormente, haver a reiteração dessa, por meio das perguntas em pequenos pedaços de papéis. Ou seja, a partir da definição se estabelece um estoque de conhecimento para autodefinição, de modo que os adeptos autodefinam a Doutrina Espírita em consonância com a definição institucional.

Essa definição e autodefinição se institui como parte da cosmovisão, uma vez que a compreensão do tríplice aspecto estabelecerá uma relação dialética entre a forma que os adeptos definem a Doutrina e como essa afeta a sua percepção de mundo. De modo que, cada aspecto da tríplice carrega consigo significados e simbolismos, assim como também é fruto de uma construção histórica – abordaremos esse assunto com mais profundidade no capítulo 3.

2.2 - Os pontos principais da Doutrina Espírita

Em outra reunião dos Estudos Sistematizados, havia um grupo maior de pessoas, de modo a ocorrer com uma organização comum, de fileiras de cadeiras dispostas de frente para o púlpito. Nesse Estudo, foram destacados por meio do Livro “ESDE – Tomo I” que estava sendo projetado, os principais pontos da doutrina, que são: Deus, criador do Universo; o mundo espiritual, habitado pelos Espíritos desencarnados; a encarnação e reencarnação dos Espíritos na Terra e em outros mundos; a existência do perispírito, meio semimaterial que envolve e alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito; o melhoramento

progressivo dos Espíritos, que passam pelos diversos graus da hierarquia espírita até atingirem a perfeição moral; e a relação constante dos Espíritos desencarnados com os Espíritos encarnados.

Nesse dia apenas um dos ministrantes estava presente, embora tenha seguido o ESDE, foi dado mais destaque em narrativas de conhecidos que ilustravam os pontos. Ao caminhar do Estudo, foi destacado o ponto do melhoramento progressivo dos Espíritos, contudo, me pareceu que se seguiu esse caminho naturalmente, sem grandes planejamentos. Foram dados exemplos a respeito de momentos difíceis que podem ocorrer na vida e como é possível aprender com isso. Foi destacado também que, buscar compreender as causas do sofrimento, para aprender com essas, é diferente de gostar do sofrimento. Nesse dia não houve perguntas. Ao fim, como de costume, foi feita a prece e finalizou-se o Estudo.

2.3 - Determinismo histórico

Nesta reunião de Estudos, a maior parte dos presentes era composto por mulheres, dessas, quase todas eram trabalhadoras voluntárias, os dois ministrantes estavam presentes, as cadeiras estavam dispostas comumente. Deu-se um preâmbulo do que iria ser tratado no dia, que seria sobre as revoluções que consideram importantes, revoluções essas que foram entendidas como base para que os erros da sociedade fossem combatidos. Nesse dia, preparou-se perguntas, previamente distribuídas, sobre as revoluções e suas implicações, que deveriam ser respondidas no final; novamente foi me dado uma.

Invertendo um pouco a ordem dos acontecimentos, ao final, quando os ministrantes perguntaram se havia alguma dúvida sobre o exposto, eu perguntei se aqueles acontecimentos – me referindo às revoluções – foram predestinados ou planejados de alguma forma; essa pergunta levantou um certo burburinho, várias pessoas presentes tentaram falar que tais eventos eram sim determinados, de modo que aparentemente era um conhecimento comum que eu não havia ainda apreendido.

Posteriormente, me explicaram que o espiritismo só poderia surgir depois de uma série de eventos específicos que possibilitaram seu surgimento, eventos esses que foram determinados e planejados para que ocorressem em uma ordem específica, para então preparar a humanidade para receber e compreender a doutrina. Esses eventos estariam ainda relacionados à evolução do planeta, tanto material quanto moral, assim como à missão pessoal das pessoas que iriam assumir a frente desses eventos. Esse determinismo histórico – assim

como os eventos que o constitui – é importante para compreensão a respeito das influências que o espiritismo absorveu, tal como para a construção da cosmovisão e da noção de pessoa, como iremos analisar no capítulo 3.

Voltando para o início do Estudo, esse foi iniciado com a leitura do livro “ESDE – Tomo I” que estava sendo projetado, como era de praxe. Em seguida, foi levantado rapidamente alguns autores – como Voltaire, Montesquieu, Rousseau – que influenciaram os Estados Unidos com seus ideais iluministas, suscitando a sua independência.

Após os Estados Unidos, seria a vez da França, em 1789 com a revolução francesa, na qual os ministrantes ressaltaram a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão como um dos benefícios sociais produzidos. Seguida a revolução, ocorre o golpe executado por Napoleão Bonaparte, que absorveu e promoveu vários princípios liberais da Revolução, “tais como a igualdade dos cidadãos perante a lei, a liberdade de cultos, estabelecendo-se, a par de todas as conquistas políticas e sociais, um regime de responsabilidade individual no mecanismo de todos os departamentos do Estado.” (Federação Espírita Brasileira, 2012, p.17)

Foi também destacado no Estudo a Revolução Industrial, com seu desenvolvimento nas comunicações de curta e longa distância, a ampliação dos meios de transporte e das pesquisas médico-sanitárias. Em contrapartida, durante o estudo, frisaram por meio de um trecho, que nessa revolução houve um grande progresso material, entretanto que não foi acompanhado de um progresso moral, resultando em “várias distorções e malefícios, [...] essencialmente, decorrentes das relações trabalhistas, infelizmente caracterizadas pela exploração do trabalho e pelas deficientes condições de segurança e higiene laboral, ocorridas em gradações diversas.” (Federação Espírita Brasileira, 2012, p.18)

Próximo ao fim, a ministrante que preparou as perguntas solicitou que quem as tivessem recebido, as lessem e as respondessem, sendo elas sobre as revoluções; chegada a minha vez, respondi com o que eu tinha anotado e ainda assim não pareceu que eu tinha dado uma resposta satisfatória, então uma das adeptas que estava assistindo me complementou. Acontece que eu não tinha conseguido captar a importância daqueles fatos; para mim, no momento eram apenas alguns fatos correlatos pela sua sequência e periodicidade, foi apenas depois da pergunta que explanei mais acima, que compreendi que a importância daqueles fatos residia na compreensão que eles ajudaram a humanidade a evoluir e prepararam, de certa forma, as pessoas para a chegada da Doutrina.

Após terem respondido minha dúvida, não houve mais nenhuma, sendo a prece oferecida para uma das participantes do Estudo, feita a prece o estudo finalizou-se.

O Estudo da semana posterior a esse continuou os assuntos das revoluções e também começou uma outra temática, a “Codificação Espírita”. Novamente o ritual de preparação do Estudo ocorreu como de costume: prece, leitura, discussão, prece de finalização. Inicialmente, foi tratado as manifestações artísticas, culturais, filosóficas e religiosas do século XIX como continuação das revoluções.

Começando a leitura e discussão sobre as manifestações, foi lido e discutido rapidamente sobre as artísticas e culturais; principalmente no que tange o movimento romântico do século XIX, o qual influenciou as ideias políticas e sociais adotadas pela burguesia revolucionária, associando assim romantismo às ideias Iluministas.

Em relação às manifestações filosóficas, foi apresentado rapidamente, destacando o teor materialista destes filósofos, principalmente Schopenhauer e Marx. Foram ainda trazidos rapidamente Spencer e Comte. Não pareciam estar muito familiarizados com esses autores, exceto Comte e o seu conceito de positivismo, e com Marx e o comunismo.

Um ponto interessante sobre o estudo, foi quando introduziram na discussão o autor Marx, não transformando o comunismo em uma espécie de inimigo, retratando como uma coisa boa, embora justificando que ainda não possuímos um senso de moral evoluído suficiente para tal. Houve ainda uma justificação do sistema capitalista, que suscitaria um trabalho de reforma moral por meio da resiliência e da humildade, assim como Cavalcanti (2008) apresenta, que o

trabalho de reforma moral é direcionado pelos princípios espíritas cuja apreensão se faz ainda mais necessária entre os pobres para que "aprendam a lidar com suas dificuldades", para que entendam que sua condição não é em última análise injusta, mas sim provação e, como tal, merecida, correspondendo aos desígnios divinos, e à possibilidade de outra vida melhor. (Cavalcanti, 2008, p. 59)

Enquanto conversamos sobre os sistemas econômicos e o senso de moral, naturalmente fomos conduzidos a um debate sobre o trabalho relacionado à missão de evolução do planeta. Na qual as missões são trabalhos que são assumidos; não necessariamente a missão será dada apenas a uma pessoa, mas a várias, de modo a garantir que as coisas ocorram “da forma que devem ser”, visto que, segundo os adeptos no Estudo, as pessoas não foram “parar ali por acaso”, “eles vieram preparados”, de modo que seria

executado no tempo da missão; caso alguém não esteja preparada, haverá outra pessoa. Nesse Estudo, foi tratado ainda muito rapidamente sobre o catolicismo social.

2.4 - Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação: Hydesville e mesas girantes

Durante o mesmo Estudo, foi discutido a respeito do fenômeno de Hydesville e do fenômeno das mesas girantes, influenciado pelo primeiro. Antes de começar a leitura, uma das ministrantes disse que iria ler e discutir rapidamente sobre esses temas, visto que todos já conheciam muito sobre isso, todos rapidamente assentiram com a cabeça.

O primeiro fenômeno, foi na casa de John Fox e sua esposa Margareth Fox; suas filhas apresentavam uma mediunidade e escutavam pancadas na parede, que com um tempo se tornaram mais persistentes, e a partir daí buscaram se comunicar por meio de batidas que significavam sim ou não. A ministrante mencionou que isso acabou chamando muita atenção das pessoas da cidade, colocando as garotas em perigo de certa forma, visto que as pessoas da cidade consideravam a comunicação uma obra demoníaca.

Esse primeiro fenômeno deu origem ao movimento norte-americano chamado de “modern spiritualism” que se espalha para Europa em um novo formato, por meio das mesas girantes ou mesas dançantes, inicialmente seguindo modelo de respostas de sim ou não e posteriormente foram desenvolvidas respostas mais complexas com “o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas” (Federação Espírita Brasileira, 2012, p.47). Após essas discussões, foi realizado a prece e encerrado o Estudo. Ao fim, uma das ministrantes lamentou que infelizmente, não pôde formular as perguntas para o estudo, pois estava muito atarefada.

2.5 - Allan Kardec: o professor e o codificador

Neste Estudo, seguiu-se a estrutura que era de habitual: prece, leitura do livro como guia para as discussões, prece de finalização. Nele, pude observar a admiração dos adeptos em relação a Allan Kardec, no qual foi ressaltado várias vezes o empenho na codificação e no teor científico de suas obras.

Durante o Estudo, algumas pessoas foram acrescentando com entusiasmo como se deu a empreitada de Allan Kardec. Esse, ainda como pedagogo, chamado Hippolyte Léon Denizard Rivail, teve sua atenção, assim como a de seus colegas, capturada pelo fenômeno

das mesas girantes, de modo que procuraram assistir e examinar aqueles fenômenos com a intenção de compreender se eram reais ou armações, da mesma forma que Leite relata:

Na tentativa de verificar se esses fatos eram armação, Kardec e outros indivíduos procuraram assistir e acompanhar a essas sessões, e ao concordarem de que existia ali uma comunicação com espíritos, o pedagogo teve a ideia de, juntamente com alguns colaboradores, fazer várias perguntas aos seres que se manifestavam. As respostas deram origem a um dos livros base do Espiritismo: O Livro dos Espíritos, que teve a sua primeira edição publicada em 1857. (Leite, 2014, p. 16)

Assim, iniciou-se a codificação da Doutrina Espírita pelo pedagogo Rivail. Foi explicado durante o Estudo, que o pedagogo Rivail decidiu não utilizar seu nome nas publicações de cunho Espírita, uma vez que era conhecido em um meio acadêmico e que seus trabalhos anteriores poderiam entrar em confusão com sua nova empreitada na codificação, dessa forma, adotando o pseudônimo de Allan Kardec.

No que tange a sistematização das informações codificadas, essas foram realizadas através do método positivista; de modo que O livro dos Espíritos, assim como se afirmou durante o estudo, foi codificado com auxílio de médiuns, assim como “em colaboração com eles [os espíritos]; dois especialmente o ajudaram: Z, e sobretudo, o Espírito da Verdade” (Aubréé & Laplantine apud Leite, 2011, p.12) – visto que Kardec não era médium.

2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas

Alguns aspectos são recorrentes nas Reuniões Públicas, esses são: a ideia de missão, caridade e amor fraterno, progressão espiritual e trabalho; tais aspectos muitas vezes se entrelaçando, ainda que houvesse foco em algum, e outras vezes aparecem simplesmente como uma *categoria trabalho*, que envolve todos esses aspectos.

Uma das reuniões teve como tema a parábola “Os último serão os primeiros” também conhecida como parábola dos trabalhadores da vinha, situada na bíblia, livro de Mateus, capítulo 20, ressaltando o versículo 16:

13- Mas o dono da vinha, explicando, falou a um deles: ‘Amigo, não estou sendo injusto contigo. Não combinamos que te pagaria um denário pelo dia trabalhado? 14- Sendo assim, toma o que é teu, e vai-te; pois é meu desejo dar a este último tanto quanto dei a ti. 15 - Porventura não me é permitido fazer o que quero do que é meu? Ou manifestas tua inveja porque eu sou generoso?’ 16- Portanto, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos. pois muitos serão chamados, mas poucos escolhidos (G., Palestrante da Fraternidade Espírita Francisco de Assis)

Nessa parábola, o palestrante destacou o trabalho como analogia à vida espiritual, parafraseando o palestrante: na parábola, o homem proprietário de uma vinha, saía para buscar trabalhadores, combinando com eles pagar uma moeda pelo dia. E assim foi, primeiro às 9 horas, encontrou homens e lhes deu trabalho, depois outros homens respectivamente ao meio-dia, três horas e cinco horas, todos recebendo uma moeda; os que chegaram primeiro, observando que os últimos que chegaram às cinco horas receberam uma moeda, acreditavam que receberiam mais moedas, chegando sua vez receberá uma moeda assim como os outros.

Assim, durante a palestra, foi salientado que o tempo de reencarnação pode ser diferente para cada um, mas Deus sempre seria justo, e daria o que acredita ser justo a cada um. Com isso, nós estaríamos em um planeta de aprendizado, de maneira que aqui trabalharemos para evoluir espiritualmente e moralmente. Para tal evolução, passaríamos por provas e expiações⁴ e caberia ao indivíduo saber aproveitá-las, para então crescer espiritualmente. De modo que o trabalho de evolução seria pautado por um teor de aprendizagem e aprimoramento moral, e também de caridade.

Embora Cavalcanti (1985), não utilize o termo “trabalho”, faz referência a esse trabalho moral Espírita, quanto discute a respeito da noção de carma – que os adeptos chamam de lei de causa e efeito –, reiterando o que foi observado:

A noção de carma associada à de progresso faz de cada encarnação não só expiação como provação, isto é, oportunidade de renovação que depende única e exclusivamente do mérito individual. Afinal, o próprio determinismo presente no carma tem o seu conteúdo gerado pelo livre-arbítrio do Espírito. (Cavalcanti, 1985, p. 13)

Retomando ao que tange o conteúdo da palestra, próximo ao fim da exposição do palestrante, ele apresentou ainda que o trabalho material tem a sua importância, mas devemos saber aproveitar e trabalhar espiritualmente. Esse trabalho de evolução espiritual seria feito quantas vezes necessário por meio da reencarnação, visto que “Cada encarnação é oportunidade de evolução e de progresso. Nela, em confronto com a matéria, com a imperfeição, os Espíritos se diferenciam e se hierarquizam” (Cavalcanti, 2008, p. 34). A prece aparece também como forma de trabalho, muitas vezes como consolação. A vida doméstica e familiar, pode se estipular também como uma provação, em que devemos buscar aprender a lidar com atritos e diferenças como veremos mais a seguir.

⁴ Foi ressaltado ainda a diferença entre prova e expiação, a primeira seria um ensinamento, alguma situação que passamos durante a vida e aprenderíamos algo, já a segunda, seria uma reeducação por má-condutas cometidas.

Nessa palestra é evidente como a *categoria trabalho* abarca diversos aspectos das práticas, assim também como os ideais Espíritas – como a prece, a caridade por meio da consolação, provas e expiações. Assim, a *categoria trabalho* se estabelece como essencial para a progressão espiritual rumo à perfeição.

Apesar de Leite (2011) não discutir propriamente a respeito do trabalho ou da noção de missão, a autora reflete brevemente como a mediunidade se estabelece como trabalho/missão espiritual ligada à evolução – reiterando nossas observações, de certa forma –: “A mediunidade é vista nesse sistema de crenças como uma missão na qual se concentram uma alta carga de provas e expiações” (Leite, 2011, p. 53), através dela, é praticada a caridade espiritual, ao mesmo tempo que expia os erros passados, tendo como um dos fins a evolução.

Outro aspecto que costuma aparecer com frequência é a ideia de “Missão”. Esse aspecto teve três palestras com o mesmo tema “Ocupação e missão dos espíritos” para defini-la. A primeira utilizando as perguntas 570 à 574 do Livro dos Espíritos, e a segunda utilizando as perguntas 581 e 582 também do Livro dos Espíritos, na terceira foi discutida novamente a parábola dos trabalhadores da vinha.

Nas palestras, especialmente a primeira e a segunda, os palestrantes salientaram que a escolha para uma determinada missão recairá sobre quem estiver apto a realizá-la, assegurando que as missões sejam atribuídas a indivíduos com o mérito de cumpri-las. Outro ponto é que a missão não é imposta, mas sim uma escolha sobre qual a tarefa, prova, ou expiação irá realizar. “Quem recebe uma missão fica contente em tê-la” (A. do Núcleo Espírita. Auta de Souza), visto que essa é uma oportunidade de crescimento espiritual. É destacado também que não é preciso pressa para resolver todas as pendências em apenas uma existência, pois cada um tem seu tempo. Há ainda uma tensão entre a escolha das provas, expiações, ou missões – se caracterizando como o livre arbítrio –, e o determinismo de ter que enfrentar essas escolhas durante a encarnação. Cavalcanti (1985) seleciona em seu artigo um trecho do Livro dos Espíritos que apresenta nitidamente essa relação:

A fatalidade existe no tocante à posição do homem na Terra e às funções que nela desempenha como consequência do gênero de existência que o Espírito escolheu, como prova, expiação, ou missão. Sofre ele de maneira fatal todas as vicissitudes desta existência e todas as existências boas ou más que lhe são inerentes. Mas a isso se reduz a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. Os detalhes dos acontecimentos estão na dependência das circunstâncias que ele mesmo provoque com seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos através dos pensamentos que lhe sugerem. A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam ao homem como consequência da escolha da existência feita pelo Espírito, mas pode não estar nos resultados desses acontecimentos, e jamais se encontra nos atos da vida moral. (Kardec Apud Cavalcanti, 1985, p. 13-14)

Já na terceira palestra o aspecto “missão” surge análogo ao trabalho, vinculado ao sofrimento que sucedia as provas e expiações; aqui o sofrimento teria um papel pedagógico, que ensina por meios dolorosos, esse ensinamento proporciona o melhoramento progressivo dos Espíritos.

Em outras palestras, podemos ver exemplos dessa missão como trabalho, relacionada a expiação. Na palestra a respeito dos “Vícios e Virtudes”, que se basearam nas questões 900 à 906 do Livro dos Espíritos, trataram os vícios como os maus costumes produzidos nessa encarnação ou em outras anteriores – quando produzidas em outras e enfrentadas nesta, essas se chamariam de expiações –, e se policiar contra esses poderia causar sofrimento, entretanto necessário, visto que os vícios seriam prejudiciais tanto ao espírito quanto ao corpo. Foi exemplificado que o mau humor poderia ser considerado um vício, uma vez que o stress prejudica a qualidade vida, podendo antecipar a morte, de modo a se caracterizar como suicídio indireto; foram destacados ainda os vícios de acúmulo, avareza e entre outros.

Um exemplo de missão que é constantemente discutida, possuindo inclusive uma palestra com o tema “Os desequilíbrios familiares”, é a missão como função parental, podendo se referir à relação entre familiares de uma forma geral, assim como mais especificamente ao sentido de responsável por uma criança. Colocada como uma missão importante, que envolve diversos conflitos que ocorrem entre a convivência dos pólos de uma relação, sendo necessário o aprendizado de ambos os pólos, buscando compreender as diferenças e buscando melhorar características inadequadas. Essas características são aquelas que se afastam de um comportamento ideal para um Espírito puro, perfeito: esse seria dotado de amor, serenidade, caridade; logo, sua antítese, a imperfeição, residiria no ódio, agitação, inveja, ciúme e outros sentimentos e práticas dessa ordem. Assim, quanto mais o adepto se distanciar de características inadequadas, mais próximo da evolução ele deve estar, existindo diversos graus até alcançar a perfeição.

Esses sentimentos ideais também são discutidos por Leite (2014), especialmente para o médium, visto que esses se estabelecem como conexão entre o mundo espiritual e o mundo material, sendo responsáveis por guiar espíritos obsessores para o mundo espiritual. Cavalcanti (2008) também comenta a respeito desses sentimentos ideais, sendo esses nutridos via Estudo, “que leva as pessoas a ‘compreenderem as razões de sua dor’. [...] que ‘disciplina os sentimentos’ e ‘nos ensina até mesmo a orientar nossas afeições’, é possível alcançar a renovação íntima que é o caminho da evolução espiritual.”(Cavalcanti, 2008, p. 63)

O trabalho relacionado à caridade e ao amor fraterno é outro aspecto que sempre está presente implicitamente em quase toda palestra, estudo ou mesmo conversas ao que tange o Espiritismo. Esse tema foi evidenciado na palestra “Fazer o bem sem ostentação”; nesse, o palestrante discutiu que o fazer o bem é uma lei de Deus, e que não se pode humilhar a quem se faz o bem, deve ser discreto e “não ostentar o bem que se faz”. O “não ostentar” se refere à não fazer algo esperando algo em troca, ou tentar levar esse ato de caridade a público. Já esse “bem”, possui um sentido duplo: um material – de modo a ajudar alguém necessitado materialmente – e outro moral – referente à escuta, à prece.

O palestrante salientou ainda que não há necessidade de ostentar nada, Deus vê o que está sendo feito e em segredo o recompensará. Para além do não ostentar, algumas outras condições aparecem relacionadas a caridade e a evolução, essas são: a constância; o desinteresse, de modo a fazer algo sem esperar nada em troca; a vontade; o esforço; responsabilidade do trabalho.

Dessa forma, o espírito encarnado terá que passar por missões, provas e expiações, tendo como objetivo o melhoramento progressivo do espírito, a fim de se tornar um espírito puro e perfeito. Deve salientar-se ainda, que o espírito é eterno, e que não é possível a regressão espiritual, sendo também a rapidez do seu progresso fruto apenas de seus esforços.

No decorrer desse capítulo descrevi os conteúdos dos Estudos que frequentei e como os adeptos se relacionam com eles; bem como, por meio de observações das palestras, também descrevi os temas e aspectos que se estabeleceram como recorrentes, como é o caso da ideia de missão, caridade e amor fraterno, progressão espiritual e trabalho. Com isso, por intermédio dos conteúdos dos Estudos e dos aspectos recorrentes nas Reuniões Públicas, no próximo capítulo aprofundarei o conceito de cosmovisão na perspectiva Espírita, assim também como a noção de pessoa Espírita já existente na bibliografia antropológica, para então compreender melhor a *categoria trabalho* na Doutrina Espírita.

3 - ANÁLISE DA NOÇÃO DE PESSOA, DA CATEGORIA TRABALHO E SUAS INFLUÊNCIAS

Neste capítulo, farei um breve apanhado histórico por meio de Bernardo Lewgoy (2006), (2008), para compreender os aspectos do contexto mais geral do movimento Espírita no Brasil. Por conseguinte, irei discutir a respeito da cosmovisão Espírita, para então discorrer sobre a noção de pessoa por meio de Marcel Mauss (2003), para posteriormente apresentar a noção de pessoa Espírita discutida por Maria Cavalcanti (1985), (2005), (2008) com as contribuições de Emmanuelle Leite (2011), (2014); para assim, trazer minha contribuição à literatura antropológica no que tange o Espiritismo, mais especificamente como a *categoria trabalho* se situa e funciona dentro da Doutrina Espírita.

3.1 - Espiritismo da França ao Brasil

Allan Kardec, fortemente influenciado pelo ideal racionalista do século XIX e seu ideal de ciência positivista, na qual a verdade seria garantida por meio da concordância dos experimentos, “criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico, tendo atraído cientistas e literatos. [...] seu prestígio era dependente da simpatia da comunidade intelectual pelo fenômeno” (Lewgoy, 2008, p.86). Assim, o

espiritismo de Kardec nasce envolto no ethos secular e anticlerical na França de Napoleão III, onde a ciência é um símbolo iluminista e uma bandeira instituinte dos movimentos progressistas e laicos das mais variadas matizes políticas, como socialistas, maçons e espíritas. Não ainda plenamente cristalizado, o campo científico da época tem um breve flerte com aliados de um horizonte ideológico cientificista ainda em expansão, no qual a pesquisa psi parecia coadunar-se com uma série de expectativas que remontavam à crítica iluminista à religião e a crença nos poderes libertadores da “ciência” e da “razão”. (Lewgoy, 2006, p. 157)

Podemos observar que esse ideal racionalista, propagado pelos iluministas, influencia até hoje o Espiritismo. Como é possível constatar, quando discutimos no Estudo a respeito do “Determinismo histórico” e da “definição e autodefinição religiosa” que moldam a cosmovisão do Espiritismo,⁵ o Iluminismo foi considerado pelos adeptos uma importante revolução filosófica, que abriu um dos caminhos para a chegada do Espiritismo – visto que,

⁵ Para observar melhor o conteúdo a que estou me referindo, verificar o capítulo “2.1 - Definição e autodefinição religiosa” em específico na página 13, em que discutimos como ocorre essa autodefinição, assim como descrevemos o tríptico aspecto, em que se saltam aos olhos a influência do Iluminismo, na tentativa de fissão com a religião e uma busca pelo método científico positivista. De igual maneira, podemos observar como no capítulo “2.3 - Determinismo histórico”, os eventos históricos considerados importantes pelos adeptos são atravessados de alguma forma por esses ideais Iluministas.

segundo os espíritas presentes no Estudo, todas as grandes revoluções, sejam filosóficas, políticas ou artísticas, foram determinadas e planejadas para que ocorressem em uma ordem específica —, de modo a influenciar o surgimento e o entendimento do Espiritismo como ciência, cercada pelo método positivista. Entretanto, o Espiritismo brasileiro não é perpassado apenas pelo Estudo, possuindo esse suas peculiaridades, como veremos abaixo.

No caso brasileiro, segundo Lewgoy (2008), houve dois deslocamentos importantes: o da ênfase na mensagem para a ênfase no carisma do médium e o deslocamento da comunicação entre indivíduos desconhecidos em um espaço mediúnico impessoal para uma mediação relacional ligada por nexos anteriores, geralmente familiares. Em relação ao primeiro caso, no Centro Espírita Bezerra de Menezes, por meio da Reunião Pública, ESDE e conversas informais, pude verificar que essa ênfase no carisma do médium já não se mantém tão presente, ainda que se estabeleçam como personagens importantes e que sejam citados, sendo a verdadeira centralidade expressa na propagação da mensagem e da caridade.

No Brasil o Espiritismo surgiu como “alternativa religiosa de vanguarda, cujo charme estava em sua singular conjugação entre ciência experimental e fé revelada, associada a um anticlericalismo que agradava a um público de opositores ilustrados do Império, notadamente os abolicionistas e republicanos.” (Lewgoy 2008, p.87). Segundo Bernardo Lewgoy (2008), seu desenvolvimento foi impulsionado pelo jornalista baiano Luiz Olimpio Telles de Menezes e pelo médico Joaquim Travassos.

Com a fundação da FEB em 1884, segundo Lewgoy (2008), a instituição segue em direção de uma dialética de oposição e sincretismo com a Igreja Católica. Isso pode ser compreendido, ainda segundo o autor, por meio do assistencialismo aos pobres, com ênfase à religiosidade interior acima de rituais vazios e a implementação de cultos familiares. À medida que a FEB vai se solidificando, define-se “um padrão para a organização de centros espíritas, em que a terapia de passes, a fluidificação de água, o atendimento fraterno e a ‘desobsessão’” (Lewgoy 2008, p.87) seriam basilares. Essa dialética de oposição e sincretismo também está presente no Centro Espírita Bezerra de Menezes, pautada através da Campanha do Quilo e da Sopa Fraterna, assim como, em uma ênfase na espiritualidade interior em detrimento de rituais complexos.

Mesmo apresentando essa tensão entre oposição e sincretismo com a Igreja Católica, a Doutrina se inscreve na filiação cristã – muitas vezes inclusive utilizando em algumas postagens a mesma figura de Jesus que a Igreja Católica, de um homem caucasiano, de olhos

azuis, barba e cabelos longos, embora não crucificado, corroborando com o que Cavalcanti apresenta:

a codificação se inscreve na linha de filiação cristã. Credo no Deus onipotente criador do mundo a partir do nada, a codificação espírita é a codificação transmitida à humanidade conforme o seu estado evolutivo. A primeira delas é o Velho Testamento da Bíblia, a segunda o Novo. Jesus Cristo é segundo o Espiritismo um Espírito superior que encarnou na Terra com a missão de auxiliar a evolução humana. (Cavalcanti, 1985, p.4)

Podemos ainda ver claramente a aproximação Espírita com o cristianismo por meio das figuras de Chico Xavier e o Doutor Bezerra de Menezes. O Doutor Bezerra de Menezes vai introduzir a ideia de que “não há ruptura entre o catolicismo e o espiritismo, senão uma continuidade que fazia desse último a Terceira Revelação no tronco judaico-cristão” (Aubré & Laplantine, apud Leite 2011, ano, p 15). Já Chico Xavier é apontado por Lewgoy (2004) como um mediador cultural entre o espiritismo e o catolicismo, ao proporcionar uma nova interpretação à mensagem espírita.

3.2 - A cosmovisão, definição, autodefinição religiosa e Determinismo histórico

A cosmovisão foi utilizada pela primeira vez pelo filósofo Immanuel Kant, como o termo em alemão “Weltanschauung, que significa percepção do mundo ou a capacidade humana de perceber a realidade sensível como uma totalidade ou intuição” (Junior & Dück, 2020, p. 6). Entretanto utilizarei o conceito de cosmovisão do filósofo Wilhelm Dilthey, que acredito ser mais pertinente nesse contexto.

[...] Dilthey concebe cosmovisão como um conjunto de categorias mentais resultantes da profunda experiência de vida que determinam essencialmente como uma pessoa entende, sente e responde ao que percebe no mundo à sua volta e aos enigmas que ele apresenta. (Sire apud Pereira & Madureira, 2021, p. 7)

Segundo Pereira & Madureira (2021), a cosmovisão para Dilthey pode ser observada no cotidiano das pessoas, partindo dos enigmas da vida – podemos aqui destacar, no que tange ao Espiritismo, a questão da lei de causa e efeito, perpassada pela caridade, missão, provas e expiações, e estipuladas pela evolução –, que são marcados pela importância e influência de processos históricos.

É possível observar, como já explicitado anteriormente no capítulo 2⁶, que a definição e autodefinição religiosa exprime-se como parte da cosmovisão espírita, uma vez que o tríptico aspecto é influenciado historicamente pelos ideais Iluministas, assim também como

⁶ Para observar melhor o conteúdo do Estudo a que estou me referindo, verificar o capítulo “2.1 - Definição e autodefinição religiosa” em específico na página 13.

molda a percepção de mundo dos adeptos, influenciando também em suas práticas, como é possível observar por meio da *categoria trabalho* – como veremos nos próximos tópicos.

Ainda a respeito do tríptico aspecto, esse têm influência na percepção de mundo por meio dos conceitos que os aspectos suscitam; o aspecto Filosófico é ligado aos conceitos de livre-arbítrio e determinismo; o Científico é ligado à valorização do estudo, da busca da compreensão das leis do princípio espiritual, por meio do método positivista; o Religioso é ligado aos conceitos de Deus, a alma e a vida futura, tal como as práticas efetivas dos outros aspectos.

Como vimos anteriormente, os eventos históricos constituem parte da cosmovisão⁷; no que tange aos espíritas, esses consideram certas revoluções como importantes para a preparação da chegada da Doutrina Espírita, que por sua vez perpassa a noção de pessoa. De modo que a cosmovisão da Doutrina Espírita é atravessada pelos ideais de igualdade entre os cidadãos, a responsabilidade individual e a liberdade. Esses se caracterizando essencialmente como ideais Iluministas, que são refletidos: 1. na igualdade entre indivíduos perante um mundo de provas e expiações – uma vez que a maior parte dos que se encontram na terra são espíritos ainda em progressão – ; 2. na responsabilidade e liberdade circunscrito na lei de causa e efeito.

3.3 - Discussão teórica sobre a categoria de noção de pessoa

A noção de pessoa é uma categoria que parece variar bastante de acordo com os antropólogos que a conduzem, assim também do contexto que essa será utilizada⁸, aqui seguiremos a compreensão dessa categoria por meio de Marcel Mauss (2003).

Mauss foi produto de sua época, sendo influenciado pelas teorias evolucionistas e claramente isso reflete na sua estruturação teórica, que o leva a pecar por uma visão etnocêntrica e evolucionista de uma suposta construção da noção de pessoa a partir de sociedades ditas primitivas, o que não faz desconsiderar todo o seu trabalho, mas repensar alguns aspectos. Seu equívoco foi acreditar que aquelas noções de pessoas – sobretudo a comunidades dos Pueblos, das comunidades nativas do noroeste americano e das comunidades nativas da Austrália – que utilizou como “checkpoints”, não estavam completas

⁷ Para observar melhor o conteúdo do Estudo a que estou me referindo, verificar o capítulo “2.3 - Determinismo histórico”.

⁸ Para saber mais sobre a variedade da categoria de noção de pessoa e possíveis implicações em campo, consultar o artigo “NOÇÃO DE PESSOA: apontamentos sobre um alargamento teórico possível”, de Gonçalves (2019).

em si, ou ainda que funcionassem na mesma lógica de uma noção de pessoa ocidental. Entretanto, se seu trabalho for repensado como um constructo teórico histórico-antropológico ao qual essas comunidades influenciaram a noção de pessoa ocidental, não sendo apenas espécies de “checkpoints”, podemos usufruir de uma rica análise a respeito da noção de pessoa ocidental, que “estabelece todo o universo de compreensão da nossa própria noção de indivíduo” (Gonçalves, 2018, p.2), assim como influência um conjunto de práticas e símbolos.

Assim, a respeito dessa noção de pessoa ocidental, que é também análoga à noção de indivíduo – sendo historicamente elaborada por Mauss (2003) – tem como seus pontos chave o direito e a moral romana⁹, assim como em uma substância racional e individual que compõe a consciência, o “Eu”, que é apoiado no cristianismo e na filosofia de Kant e de Fichte, em que esse último elabora que todo fato de consciência é um fato do “Eu”, que entende a si e se autodeclara. Cabe ainda destacar que a noção de pessoa se dá por dois movimentos, ela está em constante construção, sendo influenciada pelos ideais de seu meio, assim como influencia a quem à vive.

Pontos esses que também se refletem, com diferentes intensidades, na cosmologia Espírita kardecista, Doutrina originada na França e perpassada das mais diferentes formas de ideias ocidentais, embora explicar radicalmente esses pontos não seja meu objetivo.

Assim, a noção de pessoa é um conjunto de elementos, os quais são definidos pela auto identificação, historicamente delimitados, sendo atravessados por ideais que influenciam o universo de práticas e sua concepção de si. Dessa forma, buscaremos resgatar elementos chaves, que analisamos no que tange à cosmovisão Espírita, que é perpassada pela história do Espiritismo kardecista, dos eventos nos quais os adeptos consideram importantes e da forma que se autodefinem como ciência de observação e Doutrina filosófica de efeitos religiosos; de modo a articular a noção de pessoa Espírita de Cavalcanti (2008) e das contribuições de Leite (2011), com aspetos da *categoria trabalho* – que categoriza o efeito da prática religiosa/trabalho moral –, assim como dos conteúdos dos Estudos.

⁹ “o caráter pessoal do direito estava fundado, e persona também havia se tornado sinônimo da verdadeira natureza do indivíduo” (Mauss, 1979, p. 389) em que “acrescenta-se cada vez mais um sentido moral ao sentido jurídico, um sentido de ser consciente, independente, autônomo, livre, responsável” (Mauss, 1979, p. 390) e para além “a consciência de si tornou-se o apanágio da pessoa moral” (Mauss, 1979, p. 391).

3.4 - Revisão teórica sobre a noção de pessoa Espírita

Na Doutrina Espírita, a maior parte do sistema de significados percorre, de alguma forma, a dualidade Mundo Espiritual, habitado pelos desencarnados e Mundo Material, habitados pelos encarnados. Podemos perceber essa dualidade presente na cosmovisão Espírita, por meio do Estudo a respeito da “definição e autodefinição religiosa”, em que se define como análoga à ciência, de modo a estabelecer que um dos seus objetos de estudos centrais são as relações que se estabelecem entre os encarnados e os desencarnados. Outro ponto que fixa-se como importante, é que, nesse mesmo Estudo, foi ressaltada a primazia do Mundo Espiritual, que é a essência de todas as coisas, que se relaciona com outro objeto de estudo que é central: a busca pelo conhecimento das leis do princípio espiritual.

A noção de pessoa do Espiritismo não escapa dessa dualidade, a “pessoa, como o Espiritismo a concebe, é uma reunião de três elementos ou componentes básicos: o corpo, o perispírito e o Espírito. Cada homem tem, portanto, uma natureza dupla: é corpo e alma, espírito e matéria” (Cavalcanti, 2008, p. 35), sendo o espírito sua parte mais importante, visto que é sua essência. A noção de pessoa dos adeptos tem origem no Livro dos Espíritos, tal auto-conceituação de pessoa surge com uma certa frequência durante palestras, embora a dicotomia corpo e alma esteja sempre relacionada à *categoria trabalho*, que tem como objetivo o melhoramento progressivo do espírito. No que se refere ao perispírito, durante o Estudo com o tema “Os pontos principais da Doutrina Espírita”¹⁰, esse é apresentado pelo ministrante como meio semimaterial que envolve a alma ao corpo, sendo o princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. Esse ponto é corroborado por Leite (2014), como veremos a seguir, no qual discute a respeito da relação ao espírito, o perispírito e o corpo; o primeiro se instaura como

força vital do universo, que sobrevive a várias existências materiais sempre em busca de aprimoramento pessoal e isso se dá a partir das existências em um corpo físico. O segundo é uma substância semimaterial, composta por ectoplasma que liga o espírito ao corpo físico. É nele que ficam arquivadas todas as informações provenientes das diversas vivências encarnadas do espírito, assim como a sua personalidade[...] O terceiro, corpo, é a parte material por meio da qual o espírito pode agir no mundo “visível” e assim passar pelas suas provas e cumprir a sua missão (Leite, 2014, p.124)

Dessa forma, como vimos anteriormente, o espírito é a essência do indivíduo, é “ele quem lhe confere sua definição própria, o homem não existe sem o espírito. Nesse,

¹⁰ Para observar melhor o conteúdo do Estudo a que estou me referindo, verificar o capítulo “2.2 - Os pontos principais da Doutrina Espírita”, em específico o primeiro parágrafo.

localizam-se os atributos do livre-arbítrio, do pensamento e da vontade, que o constituem como subjetividade” (Cavalcanti, 2008, p. 36).

No que tange uma visão analítica da noção de pessoa Espírita, Cavalcanti (2008) aponta dois níveis: a oposição Eu maior x Eu menor, que está intimamente ligada com a encarnação e reencarnação. A relação que se estabelece entre o Eu maior e o Eu menor é fundamental para o melhoramento progressivo do Espírito, estando também estreitamente relacionada à *categoria trabalho* – que envolve a ideia de missão, prova e expiação, caridade e amor fraterno, já discutido no tópico “aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”¹¹–; no Eu maior repousaria a junção de todas as encarnações e memórias dessas, estabelecidas no mundo espiritual em um estado de desencarnação, lá o indivíduo escolheria as provas, expiações, e as missões que iria passar em vida, essenciais para o seu aprimoramento; já o Eu menor seria o espírito encarnado – em estado de matéria e espírito – que iria passar por essas provas, expiações, e missões escolhidas.

Como já ressaltado anteriormente no tópico “aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, quando o palestrante discute a respeito de “Os desequilíbrios familiares”¹² – mais especificamente quando apresenta as características adequadas ao espírita –, há diversos graus até o espírito chegar na perfeição; os mais próximos da perfeição são os Espíritos superiores, de modo a serem mais próximos de Deus e emanarem sentimentos puros de amor; quanto mais se afastam da perfeição, mais se encontram em categorias inferiores.

O meio para chegar à perfeição seria através da *categoria trabalho*, enfrentando as provas e expiações, assim como as missões que pode ter escolhido para cumprir em vida¹³. A respeito das expiações, que são vícios e transgressões das outras encarnações, essas funcionam, segundo os adeptos, a partir da lei de causa e efeito¹⁴, na qual “o plantio é

¹¹ Para observar melhor a *categoria trabalho* a que estou me referindo, verificar o capítulo “2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, durante esse capítulo discutimos como a *categoria trabalho* surge, e aos aspectos que elas se referem, assim como qual a relação que os adeptos possuem com elas; tendo como intermediários, os diversos palestrantes que dessas Reuniões Públicas.

¹² Para observar melhor o conteúdo da palestra com o tema “Os desequilíbrios familiares”, verificar o capítulo “2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, mais especificamente ao fim da página 22.

¹³ Para melhor observar a questão das escolhas das missões, verificar o capítulo “2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, mais especificamente ao que tange a primeira e segunda palestra sobre o conceito de missão, situado ao fim da página 23 e começo da 24.

¹⁴ Para melhor observar a questão de lei de causa e efeito, verificar o capítulo “2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, mais especificamente ao fim da reunião que teve como tema a parábola “Os últimos serão os primeiros”, situado ao começo da página 21.

opcional, mas a colheita é obrigatória”; no sentido que fazer o bem é opcional, mas que todas as coisas que o adepto fez terão consequências futuras. Essa lei de causa e efeito é análoga ao conceito de carma, como explica Leite:

A teoria do carma também está muito presente na doutrina espírita, apesar dos seguidores preferirem usar o termo causalidade ao “carma”, contudo a noção é a mesma: expressam o conjunto de ações dos indivíduos e as suas consequências, ou seja, todo ato na vida de uma pessoa possui reação semelhante dirigida àquela que o praticou. (Leite, 2011, p. 13)

No tocante ao movimento de encarnação, o Espírito passa por um período de perturbação que “perdura durante toda a gestação e nos primeiros anos da infância. Ao longo desse período o Espírito sofre o apagamento da memória, esquecendo todas as suas vidas pretéritas, como Espírito errante e encarnado” (Cavalcanti, 1985, p.16), esse apagamento da memória se chama de “véu do esquecimento”.

Esse véu do esquecimento é imprescindível para que haja uma nova gama de possibilidades de decisões, de forma que o espírito possa exercer seu livre-arbítrio. Há ainda um determinismo cármico, no qual o espírito passará por alguma prova e expiação. Essa questão é muito interessante, parece inicialmente contrassenso que algo que é determinado seja livre; mesmo com essa tensa relação, o espírito é livre para enfrentar a lei de causa e efeito de encarnações anteriores do jeito que preferir, assim o encarnado pode, desde ignorar, até tentar resolver esse carma – como salientado no tópico “Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, quando o palestrante discutiu a respeito de quem recairá as missões, assim como a questão da escolha. Não se pode esquecer também que os espíritos, antes de encarnarem, escolhem suas provações e missões, com isso, esses espíritos encarnados terão que enfrentar seus carmas determinados, escolhidos para crescer espiritualmente.

Essas provações, estando integradas à *categoria trabalho*, tem como finalidade a busca do melhoramento progressivo do espírito e envolve também diversos aspectos da vida cotidiana do adepto. A caridade e o amor estão intrinsecamente ligadas à *categoria trabalho*, na qual,

para os espíritas, ela não se restringe somente a ajuda material, devendo estar acompanhada de perto por um apoio espiritual. Uma conversa que acalme, um gesto que conforte, uma atitude que demonstre preocupação, a divulgação dos ensinamentos de Jesus Cristo podem também servir como atitudes caridosas. A caridade para os seguidores dessa doutrina se enquadra no sentido de amor fraterno, ou como eles preferem, o amor ao próximo de acordo com os ensinamentos cristãos reinterpretados à luz do Espiritismo. (Leite, 2014, p. 72-73)

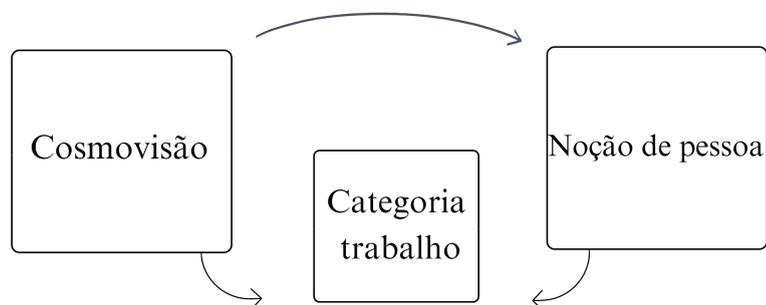
Leite (2014), em sua análise a respeito da mediunidade, aprofunda ainda mais a noção de pessoa através da categoria “corpo”, de modo que o corpo se estabelece como uma

“materialização” da cultura, na qual o médium¹⁵ deve assimilar noções de controle do corpo e das emoções para cumprir sua função. Dessa forma, o corpo se consolida como parte essencial, visto que “o corpo do médium é mais propenso fisicamente para a comunicação com o mundo espiritual, servindo de ‘ponte’ entre as duas realidades”. (Leite, 2014, P.125)¹⁶

É com essa base que darei seguimento à discussão a respeito da noção de pessoa Espírita, com a intenção de destacar a relação que essa possui com a *categoria trabalho*, assim como, com os conteúdos dos Estudos, para então contribuir com o que acredito que seja uma noção de pessoa Espírita mais completa.

3.5 - Cosmovisão, noção de pessoa Espírita e a relação com a *categoria trabalho*

Como visto anteriormente, a cosmovisão de Dilthey se estabelece historicamente, influenciando como se percebe o mundo a sua volta, tal como suas problemáticas existenciais; de forma a residir em uma estrutura que influencia os conceitos pelos quais o indivíduo interpreta e age no mundo. Já a noção de pessoa se concentra como o indivíduo entende a si e se autodeclara, esse autoentendimento de si, podendo também influenciar as práticas, embora, assim como na cosmovisão, seja influenciada historicamente pelos ideais.



Assim, o Espiritismo possui uma cosmovisão que manifesta se os conceitos de livre-arbítrio, determinismo, lei de causa e efeito – influenciado pelos ideais Iluministas –, atravessando a noção de pessoa Espírita que Cavalcanti (2008) discute analiticamente, em especial o Eu-menor. É a partir do Eu-menor e da cosmovisão que buscarei compreender a *categoria trabalho* – trabalho moral –, sendo meu esforço em delimitá-la. Cabe salientar

¹⁵ É necessário salientar que todo indivíduo na cosmologia Espírita kardecista é um potencial médium, tendo o adepto uma mediunidade ostensiva ou não.

¹⁶ Para saber mais sobre a categoria corpo na cosmologia Espírita, consultar a dissertação “Do Despertar ao Trabalhar: a produção do médium espírita kardecista em dois diferentes contextos etnográficos” de Leite (2014), mais especificamente os tópicos: 3.2 Aprofundando a relação da concepção de corpo, noção de pessoa e mediunidade no Espiritismo kardecista, 3.2.1 Reflexões sobre a categoria “corpo”.

ainda que meu foco aqui não é analisar novamente a noção de pessoa, buscando comprovar ou não Cavalcanti (2008), mas sim, partir dela para alcançar novos entendimentos.

O início da formação da pessoa para os adeptos espíritas se dá desde a fecundação, nesse período

Inicia-se concomitantemente a perturbação espírita, que perdura durante toda a gestação e nos primeiros anos da infância. Ao longo desse período o Espírito sofre o apagamento da memória, esquecendo todas as suas vidas pretéritas, como Espírito errante e encarnado. Essa memória transcendente ficará oculta no inconsciente, podendo vir à tona por vezes na forma de intuição. (Cavalcanti, 2008, p.38).

Nesse período a criança passa por um verdadeiro período limiar, de modo que é possível, inclusive, compará-la com um neófito, de maneira que o recém encarnado toma a forma de uma tabula rasa no qual é possível “inscrever o conhecimento e sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo status” (Turner, 2013, p. 104), absorvendo a cultura de seu novo ambiente. Podemos ainda observar que esse recém encarnado se encontra sem uma estrutura propriamente firmada – não há uma noção de quem se é –, ao passo que podemos entender que essa liminaridade ao qual o indivíduo atravessa fortalecerá uma estrutura que está por vir, estrutura essa que será a nova noção de “eu” desse indivíduo.

Esse novo “eu”, assim como todos os espíritos encarnados, terá escolhido, antes de encarnar, por quais missões, provas e expiações passará – como foi apresentado durante as Reuniões Públicas, quando os palestrantes discutem a respeito das missões, tocando também nas provas e expiações –, exercendo seu livre-arbítrio. Já encarnado, seu trabalho será enfrentar, do jeito que preferir, os pontos que tiver escolhido, não podendo evitar enfrentar esses pontos, e mesmo que prefira ficar inerte, não irá regredir em sua progressão espiritual, de modo que, mesmo não conseguindo aprender e evoluir, o enfrentará novamente em outra reencarnação.

Essas provas e expiações são identificadas como Lei de causa e efeito, podendo ser amenizadas por meio de obras de caridade, sejam de meio material ou espiritual – no sentido de ser um conversa de consolo, de amor fraterno –, sendo mais dignas aquelas que forem feitas com desinteresse, sem esperar algo em troca – como podemos observar próximo ao fim do tópico “Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, quando um dos palestrantes trata da temática “Fazer o bem sem ostentação”¹⁷. Essas obras de caridade podem ser feitas também junto ao Centro Espírita Bezerra de Menezes. Nesse, são realizados alguns trabalhos

¹⁷ Para melhor observar melhor a temática “Fazer o bem sem ostentação”, verificar o capítulo “2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, mais especificamente na página 23.

voluntários que podem ser compreendidos como caridade, como atendimento fraterno, Campanha do Quilo e a Sopa Fraterna.

Há de se ressaltar ainda a importância desses trabalhos, sejam provas, expiações ou missões para os adeptos; como vimos anteriormente no tópico “Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, “Quem recebe uma missão fica contente em tê-la”(A. do Núcleo Espírita. Auta de Souza), de modo que são encarados como oportunidades de aprender com as falhas, de progredir espiritualmente, de ajudar o próximo, partilhando do amor fraterno.

Encarnado na terra, mundo de provas e expiações, o adepto do Espiritismo deve buscar o “controle do corpo e das emoções pregadas pela doutrina espírita” (Leite, 2014, p. 131), seja para aflorar ainda mais sua mediunidade, seja para busca um crescimento espiritual pautado no ideal de pureza e perfeição, os quais prezam pela serenidade, amor, caridade, se afastando de sentimentos como o ódio, a inveja, o ciúme e a agitação.¹⁸ Durante conversas informais, tal ponto foi reiterado: o adepto espírita deve ser calmo, sem agitação e tentar transmitir por meio da voz e dos gestos, o acolhimento, seja durante o momento de desobsessão, tentando acalmar o espírito obsessor e guiá-lo para luz, seja durante palestras e conversas, assim como no acolhimento fraterno.

A respeito da cosmovisão, durante discussão no ESDE – mais especificamente sobre as revoluções e determinações históricas, quando fomos conduzidos para a discussão sobre a evolução do planeta¹⁹ –, foi apresentado que a posição da terra é intermediária, sendo um planeta de provas e expiações, o que reflete a grande maioria dos espíritos nela encarnados, sendo esses iguais em imperfeição. Entretanto, nosso planeta está em condição de evolução, assim como seus encarnados, e da mesma forma enfrenta séries determinadas de eventos para poder evoluir, e para tal, os indivíduos nela encarnados teriam que realizar essas missões, que podem ser atribuídas a mais de uma pessoa, mas sendo sempre cumprida.

Podemos ainda observar, por meio do ESDE, a partir de eventos históricos que são considerados relevantes, que alguns ideais da cosmovisão se destacam, como é o caso do ideal racionalista do século XIX, essencialmente positivista, com um teor progressista, voltados para uma fissão entre a religião e o estado, assim como da religião e a ciência – pautada em um modelo iluminista de esclarecimento racional. Ideais esses que se exprimem na forma de

¹⁸ Para melhor observar melhor essas características, verificar o capítulo “2.6 – Aspectos recorrentes em Reuniões Públicas”, mais especificamente no início da página 23.

¹⁹ Para melhor observar melhor da evolução do planeta, verificar o capítulo “2.3 - Determinismo histórico” na qual foi discutido tal tema.

autodefinição religiosa – na qual recebem por meio de uma diretriz da FEB e reproduzem de certa forma –, definindo-se como um ciência de observação e Doutrina filosófica de efeitos religiosos, buscando separar-se da ideia de culto, para que o público não a considere como mais uma variante religiosa, afirmando a não existência de culto, ritos, templos, ou hierarquia sacerdotal – ainda que no sentido antropológico haja os ritos, como ressaltado durante o primeiro capítulo.

A autodefinição religiosa dessa cosmovisão implica uma valorização das ciências e da Filosofia, um traço que pode observar durante a pesquisa de campo, que é bastante expressivo no momento em que se trata sobre como foi dada a codificação da Doutrina, compreendida como científica pelo seu método, assim como os progressos das revoluções: tecnológicos, filosóficos – ainda que sejam criticados por serem demasiadamente materialistas – e comunicacionais.

A partir dessa explanação de diversos elementos da noção de pessoa Espírita e da cosmovisão que constituem e implicam a *categoria trabalho*, podemos relacioná-las por meio de um tipo ideal. Ideal, visto que se estabelece como uma representação de realidade, sendo essa mais complexa e com nuances aos quais podem interferir na intensidade de penetração dos elementos de seus universos de significados.

Assim, como Cavalcanti (2008) discute, a noção de pessoa Espírita kardecista é auto definida pelos elementos: o corpo, o perispírito e o Espírito, como apresentado rapidamente durante o Estudo. Expandindo-se por meio de sua análise em dois eixos, o Eu-menor e o Eu-maior; a respeito do Eu-menor, a partir do momento da sua fecundação é imposto ao espírito encarnado o “véu do esquecimento”, de modo a lhe conceder livre-arbítrio.

Através da lei de causa e efeito, – assim também como a escolha de enfrentá-la em determinada encarnação –, a *categoria trabalho* se estabelece, de modo a designar provas, expiações e missões, que devem ser realizadas visando a evolução espiritual. Trabalhos de caridade – seja ele material ou espiritual –, se destacam como importante traço da noção de pessoa espírita, uma vez que, quanto mais evoluído for o espírito, mais atitudes de amor e caridade serão feitas no cotidiano. Outro importante ponto é o controle do corpo e das emoções, buscando se aproximar de sentimentos compreendidos como próximos da perfeição.

Podemos ainda observar a cosmovisão na valorização das ciências – principalmente por meio de um teor positivista – e da Filosofia, assim como uma ruptura com a ideia de religião, aspectos nos quais a influência do Iluminismo é evidentemente perceptível.

Assim, a *categoria trabalho* se estabelece a partir de alguns conceitos, que são característicos da cosmovisão, que moldam a percepção de mundo e que são compartilhados com a noção de pessoa, em específico ao que diz respeito ao Eu-menor da análise de Cavalcanti(2008): 1. como lei de causa e efeito, em que os adeptos estariam vivenciando as consequências – provas e expiações – de suas ações em vidas anteriores, tendo o Eu-menor o trabalho espiritual de enfrentá-las, de maneira que também deveria realizar a caridade, a fim de progredir espiritualmente, buscando se tornar um espírito puro e perfeito – de modo a buscar, também, o controle sentimental; 2. a valorização das ciências e filosofia, que desembocam na compreensão do estudo como trabalho moral extremamente importante para progressão espiritual; 3. assim também como na percepção da determinação histórica de certos eventos que ajudariam a humanidade a progredir moralmente, de modo a poder suscitar a resiliência, assim como se estabelecer como missão para determinados indivíduos; 4. e por fim, mas não menos importante, os conceitos de livre-arbítrio e determinismo.

Portanto, a *categoria trabalho* é o produto dos elementos da cosmovisão espírita com os elementos da noção de pessoa, de modo que o trabalho surge como meio para o melhoramento progressivo de espírito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta etnografia descrevemos o funcionamento do Centro, a estrutura dos rituais e seus conteúdos; para então, por meio desses, analisarmos como os aspectos que surgiram nos Estudos, e que também são frequentes nas Reuniões Públicas, tal como a *categoria trabalho*, se relacionam com a cosmovisão Espírita e a noção de pessoa Espírita já analisada por Cavalcanti (2008). Assim, apresentarei sinteticamente os principais tópicos abordados neste trabalho, assim como indicarei algumas questões que não foram respondidas e que requerem trabalhos e investigações futuras.

O Centro Espírita Bezerra de Menezes de Areias situa-se em consonância ao movimento Espírita brasileiro, na qual a FEB possui hegemonia, de modo que sugere um modelo de atividades a ser seguido, contendo: Atendimento Fraternal, passes, palestras, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, desenvolvimento mediúnico, evangelização infantil, ações de caridade e entre outros; modelo esse que é adotado pelo Centro em questão. Entretanto, cada centro tem sua peculiaridade, tal como o estudado, que possui um foco maior no filosófico, ainda que seja presente os outros aspectos; de modo que há uma ênfase nos Estudos, assim como no aprofundamento da Doutrina Espírita.

Uma vez que os adeptos possuem um foco no estudo da Doutrina Espírita, optei por seguir esse caminho para buscar compreender suas relações, de modo que me concentrei em participar, descrever e analisar as Reuniões Públicas e o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Durante as Reuniões Públicas, pude perceber a recorrência de uma categoria, essa seria a de trabalho, compreendida como o trabalho moral e perpassada pelos conceitos de: caridade e amor fraternal; missão, prova e expiação; e melhoramento progressivo do espírito, ou simplesmente evolução. Já no que tange o Estudo Sistematizado, participei e observei aspectos, por meio de apresentações dialogadas – ministrada por trabalhadores voluntários – de temáticas que se estabelecem como indispensáveis no Espiritismo e dialogam com sua cosmovisão, tais como: definição e autodefinição religiosa; os principais pontos da Doutrina Espírita; o determinismo histórico das revoluções; a origem do Espiritismo; e seu codificador, Allan Kardec.

Por meio desses aspectos, busquei contribuir com a literatura antropológica sobre o Espiritismo, mais especificamente como a *categoria trabalho* se situa e funciona dentro da Doutrina Espírita. Para tal, analisei a relação entre cosmovisão e a noção de pessoa de Cavalcanti (2008), que estabelece dois eixos: o Eu maior e o Eu menor, que se constituem

como fundamentais para o melhoramento progressivo do espírito; sendo o Eu menor aquele que teria que enfrentar provas, expiações e missões para atingir a evolução. Esse enfrentamento, como vimos acima, é o que pode ser delimitado por meio da *categoria trabalho*, ou como o trabalho moral, que suscita uma série de aspectos pertinentes à noção de pessoa, como: o controle sentimental em busca das características adequadas a um espírito evoluído; o entendimento da lei de causa e efeito, gerando a resiliência em relação às adversidades da vida, compreendidas como provas e expiações; e a caridade, sendo mais digna aquela que é feita com desinteresse. Podemos ver também alguns aspectos no Estudo sistematizado pertinentes à cosmovisão que moldam a percepção de mundo dos adeptos, como: a valorização da ciência e da Filosofia, que reflete na própria prática e relação com a Doutrina, de modo a estabelecer uma grande importância aos estudos dos livros de Allan Kardec, assim como os materiais de Estudo disponibilizados pela FEB; a compreensão de que grandes eventos são determinados e tem como fim o progresso da humanidade; a lei de causa e efeito; assim como os conceitos de livre-arbítrio e determinismo.

Portanto, por meio desta monografia, podemos concluir que a *categoria trabalho* é um fruto da influência da cosmovisão na noção de pessoa, assim como de aspectos próprios da noção de pessoa – como a busca de características adequadas aos espíritas como amor, calma, caridade entre outros. Sendo compreendida como essencial para a evolução, podendo estar presente como: missão; prova e expiação; e caridade. Assim, esta pesquisa se caracteriza como um esforço inicial de compreender a *categoria trabalho* e toda a sua amplitude, de modo que há aspectos que não puderam ser explorados nesta, que podem ser explorados em pesquisa futuras, como as influências que a *categoria trabalho* pode suscitar na prática cotidiana dos adeptos, de maneira a contribuir com a literatura antropológica, ampliando e aprofundando os temas debatidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAVALCANTI, M. L. V. C. **mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. 133 p. ISBN 978-85-99662-27-4.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **Vida e morte no Espiritismo kardecista**. *Religião & Sociedade*. v. 24, n. 2, pp. 11-27. Rio de Janeiro, 2005.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **O que é o Espiritismo: Segundo a visão antropológica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, v. 4, 2008.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita: Programa Fundamental, v. 1**. Organizado pela Área de Estudo Doutrinário. Responsável: Cecília Rocha. 2a. ed. 9a reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2012.

GONÇALVES, Flora Rodrigues. **Noção de pessoa: apontamentos sobre um alargamento teórico possível**. *Revista Intratextos*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 1–17, 2019. DOI: 10.12957/intratextos.2019.33913. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/33913>. Acesso em: 10 jul. 2023.

JUNIOR, C. N.; DÜCK, A. W.. UMA ANÁLISE FILOSÓFICA, TEOLÓGICA E ANTROPOLÓGICA DO CONCEITO DE COSMOVISÃO. **Revista Cógnito, ISSN 2674-5593**, Brasil, V. 2, n. 1, p. 3-30. Mar., 2020. Disponível em: <<https://revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/article/view/21>>

LEITE, Emmanuelle Vieira de Melo. **O corpo e o espírito: etnografia da história de vida, trajetória no movimento espírita e mediunidade de Francisco Peixoto Lins**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

LEITE, Emmanuelle Vieira de Melo. **Do despertar ao trabalhar: a produção do médium espírita kardecista em dois diferentes contextos etnográficos**. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2014.

LEWGOY, B. **A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial**. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, July 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/47BDMf6WkxTch9XK898QRYv/?lang=pt>>. Acessado em 03 de junho de 2023.

LEWGOY, B. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. **Civitas**. Porto Alegre, v.6, n.2, jul-dez. 2006.

TURNER, Victor. “Liminaridade” e “communitas”. In: TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013. pp. 97 – 126.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia: **Uma Categoria do Espírito Humano: A Noção de Pessoa, A de “Eu”**. Tradução Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003 a: 367–398

OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006. Capítulo 01.

PEIRANO, M.. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377–391, jul. 2014.

PEIRANO, M.. **Rituais, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Coleção Ciências Sociais Passo a Passo. 2003.

PEREIRA, J.; MADUREIRA, J.. A TEORIA DE COSMOVISÃO DE WILHELM DILTHEY E O MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.

Jornada de Iniciação Científica e Mostra de Iniciação Tecnológica - ISSN 2526-4699,

Brasil, fev. 2021. Disponível em:

<<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvijornada/paper/view/2145/1482>>.

Data de acesso: 19 Jan. 2024.

KARDEC, Allan. **O Livro dos espíritos**. Trad. de Guillon Ribeiro. 93a edição. Brasília: FEB – Departamento Editorial, 2013

WAGNER, Roy. “A Presunção da Cultura”. In **A invenção da cultura**. Ed. Cosac Naify, São Paulo, 2010.